



Manual de Práticas Pedagógicas em Educação em Saúde

Núcleo de Educação em Câncer
Hospital de Amor



MANUAL DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE NAS ESCOLAS

AUTORES

Gerson Lúcio Vieira
Ester Regina Galvão Teodoro
Frangie Kallás de Andrade

Colaboração

Captação de Recursos — Campanha Mobilização Passos que Salvam

1ª edição
2025

AUTORES

Gerson Lúcio Vieira
Ester Regina Galvão Teodoro
Frangie Kallás de Andrade

MANUAL DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE NAS ESCOLAS

Hospital de Amor

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Ilustração Designed by Freepik

APOIO TÉCNICO

Laís Haikel Silva
Marcia Omori

1ª edição 2025

V657m Vieira, Gerson Lúcio; Teodoro, Ester Regina Galvão; Andrade, Frangie Kallás de

Manual de práticas pedagógicas de educação em saúde nas escolas. / Vieira, Gerson Lúcio; Teodoro, Ester Regina Galvão; Andrade, Frangie Kallás de. - Barretos, SP: Fundação Pio XII – Hospital de Amor - 2025.

51 p. : il.

ISBN: 978-85-63477-14-9

1. Educação em saúde. 2. Práticas pedagógicas. 3. Escola. 4. Promoção da saúde. I. Vieira, Gerson Lúcio. II. Teodoro, Ester Regina Galvão. III. Andrade, Frangie Kallás de IV. Título.

CDD 613.4

SUMÁRIO

Apresentação.....	5
1. Os Nossos Estudantes	7
2. O Papel do Professor.....	10
3. Metodologia de Projetos na Educação em Saúde.....	12
4. Diretrizes para a Realização do Trabalho (Planejamento, Acompanhamento e Avaliação).....	16
5. Eixos Temáticos: O Cuidado em Múltiplas Dimensões.....	18
6. Propostas de Ações Educativas.....	21
6.1. Abordagens em sala de aula	21
6.2. Abordagens com escola	27
6.3. Abordagens com pais e responsáveis.....	31
6.3. Abordagens em mobilizações comunitárias.....	36
6. Apêndices e Materiais de Apoio	41
7. Materiais Didáticos.....	52
8. Referências	52

APRESENTAÇÃO

Este Manual de Práticas Pedagógicas de Educação em Saúde nasce do chão da escola e do encontro com educadores que, diariamente, transformam conhecimento em cuidado. Surge da necessidade de oferecer suporte concreto a docentes que desejam desenvolver ações em escolas e outros ambientes educativos, com intencionalidade pedagógica, fundamento teórico e caminhos práticos. Sem modismos, aposta no que é essencial: experiências significativas, acessíveis e replicáveis, que cabem na rotina e dialogam com as condições reais de trabalho.

Está pronto? Preferimos dizer que é um ponto de partida: um convite a experimentar, adaptar e recriar. Reúne sugestões e modelos que inspiram percursos de aprendizagem e só ganham sentido em movimento, na realidade de cada turma, território e comunidade. O manual apoia o planejamento, amplia repertórios e incentiva a autonomia docente — sem encaixotar a prática, mas abrindo janelas para novas experimentações e parcerias.

Ao propor experiências, nos apoiamos na abordagem histórico-cultural de Vigotski que preconiza que é na interação, na mediação intencional do educador e no uso de ferramentas culturais que o estudante constrói sentidos e se desenvolve. A aprendizagem não é acúmulo; antecede e impulsiona o desenvolvimento, especialmente em atividades desafiadoras, colaborativas e orientadas a problemas reais. Por isso, valorizamos práticas que convoquem protagonismo, curiosidade e investigação: quando o estudante pesquisa, dialoga, compara, registra, cria hipóteses, decide e avalia o que fez.

Em educação em saúde, isso significa formar sujeitos capazes de ler o mundo, cuidar de si e do outro, participar da vida pública e transformar realidades. Não se trata de listas de cuidados isolados, mas de criar condições para escolhas informadas e solidárias. Trabalhar saúde na escola é abrir espaço para a cultura, a ciência, a arte e a cidadania, conectando o aprender a necessidades concretas, a direitos e a políticas públicas que atravessam a vida de crianças, adolescentes, jovens e adultos.

Este manual sistematiza conhecimentos produzidos pelo NEC – Núcleo de Educação em Câncer do Instituto de Ensino e Pesquisa do Hospital de Amor, em diálogo com escolas parceiras de diferentes contextos. São aprendizados nascidos da prática, validados com professores e estudantes, que retornam como propostas claras, simples e aplicáveis. Embora inspirado nas redes de ensino, destina-se a quem educa em contextos formais e não formais, inclusive projetos comunitários, espaços culturais, organizações sociais e ambientes de trabalho.

Também nasce da parceria com a campanha “Mobilização Passos que Salvam” dos Hospital de Amor. Ao unir a experiência pedagógica do núcleo à mobilização pelo reconhecimento precoce dos sinais e sintomas do câncer infantojuvenil, aproximamos a temática de onde precisa estar: a escola e os espaços educativos do território. Quanto mais cedo a suspeita, maiores as chances de tratamento eficaz; por isso, defender a escola como espaço de educação em saúde é, também, defender a vida e a equidade no acesso à informação.

Para apoiar o planejamento, cada proposta indica objetivos de aprendizagem, materiais, tempo estimado, mediações do educador, variações por faixa etária e sugestões de avaliação formativa. Recomendamos registros leves — diário de bordo, rubricas, portfólios — para acompanhar processos e resultados sem burocracia. Quando a avaliação é contínua e dialogada, orienta decisões, amplia a autoria dos estudantes e aproxima o que se aprende do que se vive.

Para facilitar o uso, organizamos o conteúdo em capítulos que se conversam e podem ser lidos na ordem que fizer sentido:

- Capítulo 1 – Os nossos estudantes. Discorre sobre a diversidade, equidade e etapas do desenvolvimento, com foco em necessidades, potências e contextos de vida.
- Capítulo 2 – O papel do Professor. Aborda mediação, escuta, vínculo, intencionalidade e ética do cuidado como eixo da prática pedagógica.
- Capítulo 3 – Metodologia de Projetos na Educação em Saúde . Problematisação, interdisciplinaridade, protagonismo, colaboração, avaliação formativa e vínculo com o território.
- Capítulo 4 – Diretrizes para a realização do trabalho – (planejamento, acompanhamento e avaliação). Aponta objetivos, critérios de sucesso, cronograma, recursos, avaliação, parcerias e documentação.
- Capítulo 5 – Eixos temáticos: o cuidado em múltiplas dimensões. Tangencia a prioridades, justificativas, recortes e conexões curriculares.
- Capítulo 6 – Propostas de ações educativas. Modelos para reprodução e adaptação, com orientações, materiais, tempos e variações.
- Capítulo 7 – Apêndices e materiais de apoio. Instrumentos, roteiros, fichas, rubricas e outros recursos para uma prática consistente.
- Capítulo 8 – Materiais didáticos. Indica o acesso ao site do Núcleo de Educação, onde estarão disponíveis materiais complementares que oferecem subsídios para o desenvolvimento das ações de Educação em Saúde.
- Capítulo 9 – Referências. Reúne as fontes bibliográficas, normativas e documentais que fundamentam o manual, garantindo sua credibilidade e sustentação teórica.

O manual não pretende esgotar os temas. É uma partilha aberta a contribuições, críticas e novas leituras. Use as propostas como ponto de apoio: ajuste linguagem, tempos e recursos; traga questões do território; convide parceiros da saúde, da assistência, das artes e da ciência; documente processos e celebre aprendizados. O que importa é manter o sentido pedagógico das ações, com objetivos claros, critérios de acompanhamento e espaços de escuta que acolham as diferenças e favoreçam a participação.

Encerramos com um convite direto: que cada página seja uma semente. Em mãos atentas, encontra solo na curiosidade dos estudantes, água na escuta sensível e luz na parceria entre escola e comunidade. Assim nasce o gesto que cuida, o olhar que acolhe, a palavra que orienta, o projeto que transforma. Que a educação em saúde floresça em suas aulas como caminho de vida: simples, potente e coletivo. Onde houver gente aprendendo, que haja futuro sendo inventado.

1. OS NOSSOS ESTUDANTES

Conhecer quem está na sala de aula é o ponto de partida para que a educação em saúde faça sentido no cotidiano escolar. Os estudantes que participarão das propostas deste manual são diversos em origens, ritmos, experiências e interesses. Não existe um “aluno médio”: há crianças e adolescentes em diferentes momentos de desenvolvimento, convivendo em realidades urbanas e rurais, com modos próprios de estar no mundo, de aprender e de se relacionar com o corpo, com os outros e com a informação. Reconhecer essa pluralidade evita estereótipos e amplia as possibilidades de diálogo, tornando as ações mais próximas, respeitosas e efetivas.

Na infância, predominam a curiosidade, o desejo de experimentar e a confiança que se estabelece com os adultos de referência. É uma etapa fértil para construir hábitos de autocuidado de forma lúdica e concreta, conectando o que se aprende na escola ao que se vive em casa e na comunidade. Já na adolescência, emergem buscas por autonomia, pertencimento e identidade, ao mesmo tempo em que o corpo muda, as emoções oscilam e a percepção de risco nem sempre acompanha a velocidade das descobertas. É um período em que a escola pode oferecer repertório, linguagem e apoio para decisões mais conscientes, sem moralismo e sem alarmismo, fortalecendo a capacidade de pedir ajuda quando necessário.

A experiência escolar acontece em territórios que também moldam o perfil dos estudantes: bairros com diferentes ofertas de lazer e alimentação, deslocamentos longos ou curtos, vínculos comunitários mais ou menos fortes, acesso variável a serviços e equipamentos públicos. Em algumas regiões, a presença de unidades de saúde e atividades esportivas é parte do cotidiano; em outras, a escola se torna o principal espaço de encontro, proteção e informação. Há ainda contextos culturais específicos — indígenas, quilombolas, ribeirinhos, migrantes — nos quais as práticas, a língua e os saberes locais precisam ser reconhecidos como potência e ponto de partida. Tudo isso atravessa como se aprende sobre saúde e como se transforma o que se aprende em prática.

Outro traço marcante do perfil atual é a vida digital. Os estudantes chegam à escola conectados, circulando por conteúdos de qualidade muito desigual. Entre memes, vídeos curtos e opiniões de influenciadores, convivem boas iniciativas de divulgação científica e desinformação capaz de confundir e gerar medo. A escola, então, se torna um lugar privilegiado para construir alfabetização em saúde: ler criticamente informações, identificar fontes confiáveis, compreender o que é evidência, fazer perguntas, proteger dados pessoais e saber quando buscar orientação presencial. Esse letramento não se restringe à internet; ele se estende à compreensão de sinais do próprio corpo, dos direitos em saúde e de como funciona a rede de cuidado.

A sala de aula é também um espaço de afetos e relações. Amizades, conflitos, apoios silenciosos e brincadeiras atravessam o dia a dia, influenciando comportamentos de saúde. Falar de sono, alimentação, uso de telas, atividade física, relacionamentos, sexualidade, prevenção de violências, consumo de álcool e outras drogas, saúde mental, higiene e ambiente precisa considerar essas dinâmicas e o clima escolar. Quando a escola cultiva uma cultura de cuidado — com adultos acessíveis,

escuta qualificada e regras combinadas — os estudantes se sentem mais seguros para falar de dúvidas, pedir ajuda e compartilhar responsabilidades. O pertencimento protege, e a informação ganha caminho para virar atitude.

Há ainda diferenças individuais que merecem atenção sistemática: estudantes com deficiência, transtornos do neurodesenvolvimento, condições crônicas ou temporárias, bem como aqueles que vivem lutos, mudanças familiares, insegurança alimentar ou discriminações. A educação em saúde inclusiva adapta linguagem, materiais e ritmos, valoriza múltiplas formas de participação e garante acessibilidade comunicacional, física e atitudinal. Ao fazer isso, não apenas amplia o alcance das mensagens, como também comunica um princípio pedagógico central: todos têm direito a aprender sobre saúde e a cuidar de si com autonomia e dignidade.

Trabalhar essas temáticas com estudantes é necessário por várias razões. Primeiro, porque grande parte dos hábitos que sustentam a saúde ao longo da vida se forma na infância e se consolida na adolescência. Aprender cedo a reconhecer fome e saciedade, a organizar o sono, a cuidar da higiene, a se movimentar, a falar sobre emoções, a estabelecer limites e a cultivar relações respeitadas cria um “chão” protetor para a vida adulta. Segundo, porque compreender sinais de alerta — no corpo e no comportamento — e saber a quem recorrer reduz a demora entre perceber um problema e buscar ajuda. Isso vale para situações comuns do cotidiano escolar e também para a prevenção e a detecção precoce de doenças, incluindo os diferentes tipos de câncer, que são abordados aqui como parte do conjunto da educação em saúde e não como tema isolado. Terceiro, porque a escola é um espaço de cidadania: aprender sobre direitos, responsabilidades e formas de participação fortalece a confiança para acessar serviços, dialogar com profissionais e compartilhar decisões de cuidado com a família e a comunidade.

A linguagem é um elemento-chave desse perfil. Os estudantes respondem melhor a mensagens claras, concretas e respeitadas, que se conectam com situações reais e convidam à participação. A postura que mais produz envolvimento é a que une acolhimento e expectativa: acolhe dúvidas e vivências sem julgamento e, ao mesmo tempo, convida à responsabilidade possível para cada faixa etária. Em vez de discursos de medo, que paralisam, funcionam melhor narrativas que iluminam caminhos: o que posso observar, como posso agir, com quem posso contar. Esse equilíbrio favorece a autonomia progressiva, preserva a infância e acompanha a adolescência sem infantilizá-la.

O perfil dos estudantes também inclui um enorme potencial de protagonismo. Quando são chamados a pesquisar, criar, comunicar e cuidar com os colegas, tornam-se multiplicadores naturais de informação qualificada. Projetos de educação em saúde que escutam suas perguntas, valorizam suas linguagens e abrem espaço para decisões partilhadas geram mais adesão e resultados mais sustentáveis. O encontro com as famílias e com a rede de saúde amplia esse efeito: estudantes que levam para casa o que aprenderam ajudam a alinhar práticas, desarmar mitos e fortalecer o vínculo entre escola e território.

Por fim, é importante lembrar que o perfil não é estático; ele muda com a turma, com o tempo e com os acontecimentos da comunidade. Por isso, este manual propõe que cada escola observe,

escute e co-construa sua leitura dos estudantes antes de planejar e ao longo da implementação das ações. Uma boa leitura inicial — quem são, do que gostam, o que os preocupa, como circulam pela escola e pelo bairro — orienta escolhas de linguagem, tempos, materiais e parcerias. E uma escuta contínua permite ajustar a rota, mantendo as propostas vivas, situadas e úteis.

Em síntese, os estudantes que estarão conosco nesta caminhada trazem curiosidade, criatividade e vontade de participar, ao mesmo tempo em que enfrentam desafios próprios do desenvolvimento e do contexto em que vivem. A escola, quando reconhece esse perfil e organiza um ambiente de confiança, transforma informações em competência para a vida: promove hábitos protetores, fortalece vínculos, amplia o acesso a direitos e favorece a prevenção e a detecção precoce de problemas de saúde — inclusive de diferentes tipos de câncer — como consequência natural de uma educação em saúde integral, plural e conectada ao cotidiano. É desse lugar que partimos: com os pés na escola, o olhar no território e os estudantes no centro.

2. O PAPEL DO PROFESSOR

Na escola, a educação em saúde ganha corpo e sentido quando encontra, no professor, um interlocutor atento, generoso e rigoroso. É ele quem transforma conteúdos em conversa, informação em discernimento e conhecimento em cuidado cotidiano. O professor não é apenas transmissor de dados: é formador de seres humanos. Sua presença, sua escuta e sua capacidade de tecer vínculos dão contorno ético e afetivo ao que os estudantes aprendem sobre o corpo, as emoções, a convivência e as escolhas que fazem no dia a dia. Nesse movimento, a sala de aula se torna um lugar onde se aprende a ler o mundo e, ao mesmo tempo, a cuidar da vida que se vive nele.

Ao trabalhar educação em saúde, o professor ocupa um papel de mediação que vai muito além da exposição de temas. Ele ajuda os estudantes a nomear experiências, a reconhecer sinais e a buscar apoio quando necessário; traduz termos técnicos, contextualiza informações, combate a desinformação e encoraja perguntas. Ao criar um ambiente de confiança, o educador estimula a participação, o pensamento crítico e a autonomia — elementos que sustentam práticas de autocuidado e de cuidado com o outro. É por isso que, mais do que “dar aulas”, o professor convida a turma a experimentar modos de estar no mundo com mais consciência, respeito e responsabilidade.

Sua relevância ultrapassa os muros da escola. O professor é, muitas vezes, o primeiro farol da comunidade: ilumina rotas em meio às tempestades da vida, ajuda a atravessar medos, organiza o olhar diante do excesso de informações e inspira atitudes possíveis. Quando acolhe dúvidas e reconhece limites, ele mostra que aprender é um caminho compartilhado, feito de perguntas honestas e de respostas verificadas. Ao fazer pontes entre a ciência e o cotidiano — entre o que se estuda e o que se vive —, sustenta uma cultura escolar em que a saúde não aparece como tema episódico, mas como dimensão permanente da formação.

Nesse processo, o cuidado com o próprio professor vem primeiro. Educar para a saúde exige que o educador também se reconheça como sujeito de direitos e de cuidados: que acesse informações de qualidade, procure os serviços de saúde quando necessário, observe seus hábitos e cuide de sua saúde emocional. Quando o professor se apropria dos conteúdos e os integra à sua própria vida, sua prática ganha verdade e coerência; sua fala deixa de ser apenas recomendação e se torna testemunho. É justamente essa coerência — entre o que se diz e o que se faz — que mobiliza estudantes, famílias e colegas, criando um efeito multiplicador que transborda a escola e alcança a comunidade.

Como lembra Paulo Freire, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. A educação em saúde, nessa chave, convida o professor a criar situações de aprendizagem em que os estudantes possam investigar, dialogar, comparar fontes, analisar contextos e tomar decisões informadas. Ao fortalecer a curiosidade, a responsabilidade e a solidariedade, o professor forma sujeitos que se cuidam e cuidam dos outros, que reconhecem sinais de alerta, que valorizam a prevenção e que sabem a quem recorrer. Trata-se de cultivar competências para a vida — e não apenas cumprir conteúdos.

O alcance do professor se amplia também porque ele ensina em rede. Cada atividade, cada

conversa e cada projeto reverberam nos corredores, nas famílias, nas mídias locais e nos serviços do território. Os estudantes levam para casa aquilo que aprendem, tensionam rotinas, atualizam práticas, compartilham materiais. A escola, assim, torna-se um ponto de difusão de informações confiáveis e de hábitos protetores, ajudando a comunidade a se orientar diante de dúvidas, medos e boatos. Esse potencial multiplicador é uma força silenciosa, contínua e transformadora — e o professor é o seu protagonista.

Por reconhecer essa potência, o NEC e o Hospital de Amor têm um carinho e uma atenção especial pelo professor. Vêm nele um parceiro estratégico, capaz de traduzir conteúdos com sensibilidade, de adaptá-los à realidade local e de sustentar aprendizagens que permanecem. Ao oferecer materiais, formações e apoio, o objetivo não é entregar receitas, mas somar forças para que cada educador exerça com liberdade e consistência seu ofício: ler o território, escutar a turma, escolher os caminhos pedagógicos e, sobretudo, cuidar de si para melhor cuidar dos seus estudantes. Essa parceria se orienta pela confiança: o professor conhece a sua comunidade, sabe onde o calo aperta, e é a partir daí que a educação em saúde floresce.

Importa dizer que o foco não se restringe a uma única doença ou a um único risco. Ao tratar de saúde, falamos de prevenção, de detecção precoce e, sobretudo, de promoção de vida em sentido amplo: alimentação, sono, corpo em movimento, saúde emocional, relações respeitadas, uso crítico de mídias e acesso aos serviços. Quando o professor integra esses temas ao currículo e ao cotidiano escolar, favorece uma compreensão mais completa do que é viver bem — e prepara os estudantes para reconhecer e agir diante de diferentes situações, inclusive frente a sinais que merecem atenção e cuidado oportuno.

Ser professor, nesse horizonte, é exercer um ofício de esperança: manter acesa a luz que ajuda a ver caminhos quando as nuvens pesam, construir com a turma a coragem para fazer perguntas difíceis, sustentar o fio da conversa quando o barulho do mundo confunde. É, também, um trabalho de rigor: selecionar fontes confiáveis, checar dados, traduzir conceitos sem perder precisão, registrar o que se aprende e avaliar para seguir aprimorando. Na soma de esperança e rigor, de afeto e método, a educação em saúde encontra terreno fértil para gerar aprendizagens que se transformam em escolhas, escolhas que se transformam em hábitos e hábitos que, pouco a pouco, transformam a realidade.

É desse lugar que reconhecemos e valorizamos o professor: formador de gente, farol na tempestade, multiplicador de boas práticas e parceiro essencial do NEC e do Hospital de Amor. Quando o educador está no centro — cuidado, ouvido e fortalecido —, a escola se torna um espaço de proteção e de possibilidades. E cada estudante, ao aprender com ele a cuidar de si e dos outros, leva consigo uma pequena chama que ilumina a casa, a rua, o bairro — e ajuda a comunidade inteira a navegar com mais segurança e dignidade.

3. METODOLOGIA DE PROJETOS NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Quando a escola decide tratar a educação em saúde como um processo vivo — situado no território, atravessado por histórias e construído com as pessoas — a metodologia de projetos se torna o caminho natural. Ela organiza o que sentimos e sabemos, dá lugar às perguntas dos estudantes, confere rigor ao diálogo com a ciência e transforma ideias em ações que atravessam a sala de aula e alcançam a comunidade. É nessa perspectiva que o NEC estrutura suas iniciativas: projetos que começam na escuta, ganham corpo no planejamento e se realizam na prática, com o professor como mediador e os estudantes como protagonistas. Não se trata de “mais uma atividade”, mas de uma forma de aprender e cuidar que integra saberes, desenvolve autonomia e cria vínculos duradouros entre escola, família, serviços de saúde e território.

Por que projetos? Sentido, protagonismo e rigor

A metodologia de projetos é relevante porque devolve sentido ao conhecimento. Em vez de conteúdos deslocados do cotidiano, temos perguntas que nascem da vida: como melhorar a qualidade da água que bebemos? Como organizar o cuidado com a alimentação na cantina e em casa? O que fazer diante de sintomas que preocupam uma família? Ao colocar um problema real como norte, a escola convoca os estudantes a investigar, argumentar, decidir e agir — competências que se fortalecem quando o tema é saúde.

Projetos também potencializam o papel do professor como formador de seres humanos e transformador da sociedade. Ele é o farol que ajuda a turma a navegar nas tempestades: ensina a checar fontes, a escutar o outro, a construir consensos e a transformar a informação em cuidado. E, como toda luz que se expande, seu trabalho reverbera para além dos muros da escola: cada estudante torna-se multiplicador de boas práticas, levando para casa e para o bairro aquilo que aprendeu. É por reconhecer essa potência que o NEC e o Hospital de Amor têm carinho e atenção especiais por esse parceiro, investindo em formação, materiais e acompanhamento.

Há, ainda, um elemento de rigor. Projetos não são improvisos. Eles exigem clareza de objetivos, critérios de qualidade e compromisso ético com a informação. Educação em saúde pede diálogo com evidências, linguagem acessível e respeito ao contexto. Nesse equilíbrio — entre sensibilidade e método — a metodologia de projetos floresce.

Princípios que nos orientam

Alguns princípios sustentam os projetos de educação em saúde conduzidos pelo NEC:

- Problemas significativos, situados no território e na experiência dos estudantes, que convoquem investigação e ação.
- Protagonismo estudantil com mediação docente: o professor cria as condições, acompanha, provoca, cuida do rigor e da inclusão.

- Integração curricular e interdisciplinaridade tangenciados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC): ciência, língua portuguesa, matemática, artes e educação física se entrelaçam no mesmo percurso.
- Diálogo com a comunidade e a rede de proteção: famílias, unidades de saúde, agentes comunitários e parceiros locais.
- Rigor informacional: curadoria de fontes, leitura crítica, consulta a materiais confiáveis e validação técnica quando necessário.
- Ética do cuidado: respeito às diferenças, linguagem responsável, proteção de dados e de histórias pessoais.
- Documentação e reflexão: aprender com o caminho percorrido, celebrar conquistas, nomear desafios e planejar os próximos passos.

Como trabalhamos: do território à ação

Na prática, a metodologia de projetos se desdobra em um percurso que pode variar conforme a escola e a turma, mas geralmente passa por movimentos reconhecíveis. Descrevê-los em linguagem corrente ajuda a visualizar a caminhada sem engessá-la.

Primeiro, escutamos. A turma e o professor observam a escola e o entorno: o que preocupa, o que intriga, o que já é força? Podem surgir temas como alimentação, higiene das mãos, saúde mental, sono, uso de telas, atividade física, sexualidade responsável, prevenção e detecção precoce de sinais de adoecimento (incluindo o câncer, entre outras condições), acesso a serviços de saúde e direitos. Essa escuta se apoia em conversas, pequenos levantamentos, visitas e rodas com a comunidade escolar.

Depois, formulamos uma pergunta norteadora — clara o suficiente para orientar o estudo e aberta o bastante para permitir descobertas. Exemplo: “Como podemos reduzir comportamentos sedentários na nossa escola?” ou “De que maneira podemos melhorar a comunicação sobre sinais e sintomas que exigem atenção em saúde?” A pergunta dá foco e sentido ao percurso.

Com a pergunta posta, definimos objetivos de aprendizagem e de ação. O que os estudantes precisam aprender para responder a essa questão? Que mudanças pretendem promover no ambiente escolar ou na comunidade? Não se trata de listar números frios, mas de combinar conhecimentos, atitudes e práticas: compreender informações-chave, desenvolver senso crítico, experimentar intervenções simples e avaliar o que funcionou.

Em seguida, alinhamos o fio curricular. Quais habilidades e conteúdos das áreas do conhecimento dialogam com o projeto? Em ciências, estudamos corpo, microrganismos, alimentação, atividade física, prevenção e sinais de alerta. Em língua portuguesa, trabalhamos gêneros textuais, comunicação clara e combate à desinformação. Em matemática, lemos dados, construímos tabelas e interpretamos variações. Em artes, criamos campanhas visuais, podcasts e materiais de divulgação com linguagem acessível e cuidadosa.

Na sequência, planejamos o percurso. Um cronograma simples ajuda a dar ritmo: investigar,

planejar, agir, comunicar e refletir. Cada etapa pede papéis definidos: quem pesquisa, quem entrevista, quem redige, quem cuida da validação com fontes confiáveis, quem organiza a apresentação para a comunidade. O professor orquestra os tempos, assegura o rigor e zela pela participação de todos, com atenção aos diferentes ritmos e modos de aprender.

A fase de investigação requer curadoria. Em educação em saúde, a qualidade da fonte é tão importante quanto a clareza da explicação. O professor ensina a distinguir opinião de evidência, a cruzar informações, a ler com atenção e a reformular em linguagem simples. O NEC e o Hospital de Amor oferecem materiais e formações que servem de referência, além de apoiar a validação quando necessário.

Chega então o momento do plano de ação: como vamos agir? As intervenções costumam ser concretas e proporcionais ao contexto da escola. Podem incluir oficinas entre pares, rodas de conversa com famílias, adequação de rotinas (como momentos de alongamento), campanhas de comunicação elaboradas pelos estudantes, mapeamento de espaços saudáveis na comunidade, articulação com a unidade de saúde para visitas ou conversas. Pequenas mudanças bem cuidadas, feitas com participação real, costumam ter grande efeito.

A comunicação é parte do processo, não só resultado final. O projeto ganha força quando as descobertas circulam: cartazes claros, rádios escolares, vídeos curtos, feiras de ciência, cartas para as famílias, encontros com lideranças do bairro. A escola se torna, assim, um centro de difusão de informações confiáveis, e os estudantes, multiplicadores reconhecidos. Essa dimensão é especialmente cara ao NEC e ao Hospital de Amor: quando a escola fala com o território, o cuidado se expande.

Enquanto tudo acontece, documentamos e refletimos. Portfólios, diários de bordo, registros fotográficos autorizados, pequenos relatos e conversas de avaliação ajudam a consolidar a aprendizagem. A avaliação é formativa: olha para o processo, valoriza o esforço, identifica o que precisa de apoio e acolhe os erros como parte do aprender. Ao final, um fechamento celebra o caminho percorrido e aponta possibilidades de continuidade — como manter uma prática incorporada à rotina da escola ou planejar uma nova edição ampliada.

Por fim, pensamos na sustentabilidade. O que aprendemos que pode virar política da escola? Que parcerias merecem ser mantidas? Como os materiais produzidos podem compor um banco de recursos para turmas futuras? O NEC apoia a sistematização desses aprendizados, para que não se percam e possam inspirar outras experiências.

O professor em primeiro plano: coerência que inspira

Projetos potentes nascem de educadores que cuidam de si e se apropriam do que ensinam. Na educação em saúde, isso vem em primeiro plano. Quando o professor experimenta práticas de bem-estar, revisa suas próprias fontes de informação, ajusta hábitos possíveis e compartilha seus percursos com honestidade, abre uma trilha de coerência que inspira. Ao estudar com o NEC e o Hospital de Amor, o educador fortalece seu repertório e sua segurança para levar conteúdos aos

estudantes e à comunidade. Essa coerência — cuidar de si para cuidar dos seus — dá credibilidade à fala e consistência à ação.

Exemplo vivido: um microprojeto que se expande

Imagine uma turma que, ao mapear hábitos do cotidiano, percebe longos períodos sentados e cansaço frequente. A pergunta surge: “Como podemos movimentar nosso dia para aprender melhor e cuidar da saúde?” A investigação traz dados sobre atividade física, sono e atenção. O grupo conversa com a unidade de saúde, entrevista a equipe de educação física e cria uma rotina de “minutos ativos” entre aulas, além de um guia simples para famílias sobre sono e telas. Em poucas semanas, a turma observa melhorias de atenção, mais disposição e maior envolvimento nas aulas. O produto circula no bairro por meio de uma feira na escola. A comunidade se reconhece e adere a pequenas mudanças. O projeto termina, mas a prática fica — e as famílias levam para casa um cuidado possível. É assim que a metodologia de projetos se converte em cultura de cuidado.

Rigor com humanidade: o equilíbrio que sustenta

Trabalhar por projetos em educação em saúde pede o equilíbrio entre o rigor do método e a humanidade da escuta. O rigor garante que a informação seja confiável e que a escola não reproduza desinformação ou estigmas. A humanidade garante que ninguém fique para trás, que a diversidade seja respeitada e que cada estudante encontre seu lugar de participação. Com esse duplo compromisso, a escola cumpre sua vocação: formar pessoas capazes de pensar, sentir e agir em favor da vida — a sua e a dos outros.

O lugar do NEC e do Hospital de Amor

Mais do que provedores de conteúdo, o NEC e o Hospital de Amor se colocam como parceiros de percurso. Oferecem formações, materiais validados, apoio metodológico e espaços de troca entre escolas. Respeitam a autonomia dos professores e a singularidade de cada território, ao mesmo tempo em que asseguram consistência técnica e ética às ações. A aposta é simples e profunda: quando a escola se organiza por projetos, com o professor no centro e os estudantes como protagonistas, a educação em saúde se torna experiência concreta de cidadania, prevenção e cuidado — não apenas sobre um tema específico, mas sobre a vida em sua inteireza, o que inclui, por consequência, a prevenção e a detecção precoce de diferentes doenças, entre elas o câncer.

Em síntese, a metodologia de projetos fundamenta o trabalho do NEC porque une sentido e método, participação e evidência, escola e comunidade. Ela transforma a sala de aula em ateliê de cuidado: um lugar em que perguntas legítimas encontram caminhos possíveis, em que o conhecimento vira prática e em que cada estudante aprende que pode, sim, fazer diferença. Quando isso acontece, a escola deixa de ser apenas o lugar onde se estuda — torna-se um farol que ilumina o bairro nas tempestades do cotidiano. E é nessa luz, acesa pelo professor e multiplicada pelos estudantes, que a educação em saúde encontra sua força mais bonita e duradoura.

4. DIRETRIZES PARA A REALIZAÇÃO DO TRABALHO – (PLANEJAMENTO, ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO)

A educação em saúde, para se manifestar em projetos pedagógicos que geram transformação, requer uma abordagem intencional e estruturada. Este capítulo propõe diretrizes para o planejamento, o acompanhamento e a avaliação das ações, inspiradas na prática do NEC, visando apoiar educadores a construir percursos significativos, com rigor e sensibilidade.

Encaramos cada projeto como uma semente, que precisa ser bem plantada, nutrida e observada para que floresça e gere frutos duradouros na comunidade escolar.

O planejamento: a semente da intenção pedagógica

O planejamento é o alicerce de qualquer projeto de educação em saúde. É o momento de definir com clareza o “porquê” e o “para quem”, traçando um caminho que conecte as necessidades da escola com os objetivos transformadores do manual.

- **Compreender o Público e o Contexto:** O ponto de partida é um olhar atento para os estudantes e sua realidade. Isso envolve conhecer suas idades, culturas, experiências e interesses, assim como os desafios de saúde e os hábitos que permeiam seu cotidiano. Como destacado em nossa Apresentação, reconhecer essa pluralidade evita estereótipos e permite que as ações sejam mais próximas e efetivas. Mapear as particularidades da comunidade, seus recursos e suas dinâmicas de saúde é fundamental para que o projeto tenha ressonância.
- **Definir Objetivos com Clareza:** Os objetivos são o farol que guia o projeto. É crucial que eles foquem em resultados – ou seja, nas mudanças esperadas no conhecimento, nas atitudes e na qualidade de vida dos participantes – e não apenas nas atividades a serem realizadas. Um objetivo geral inspirador deve ser desdobrado em objetivos específicos, que representam as etapas e conquistas intermediárias, construindo gradualmente o aprendizado e o desenvolvimento.
- **Construir em Parceria:** A educação em saúde é um esforço coletivo. Envolver as famílias, as unidades de saúde e outras instituições parceiras desde o início é vital. Esse processo de sensibilização e articulação garante que o plano de ação seja uma construção compartilhada, valorizando a escuta e as contribuições de todos os envolvidos.
- **Desenhar o Plano de Ação:** O plano deve detalhar como a teoria se transformará em prática. Isso inclui definir as atividades, os recursos necessários (humanos e materiais), a metodologia a ser empregada e um cronograma realista. O registro cuidadoso dessas decisões é essencial para guiar a execução e a comunicação entre os parceiros.

O Acompanhamento e a execução: cultivando o caminho

A execução é o momento em que o projeto ganha vida. O acompanhamento contínuo assegura que, mesmo diante de imprevistos, a ação se mantenha alinhada aos seus propósitos, com flexibilidade e foco no aprendizado.

- **Adaptar e Mediar:** As ações educativas exigem flexibilidade. O educador, como “recriador das propostas”, deve estar apto a ajustar o percurso, sem perder de vista o objetivo final. Sua mediação é crucial para transformar informações em discernimento e conhecimento em cuidado, estimulando o diálogo, a participação e o pensamento crítico dos estudantes.
- **Rigor e Ética na Prática:** Durante todo o processo, a qualidade da informação e o respeito às pessoas são inegociáveis. É fundamental promover o “rigor informacional”, ensinando os estudantes a identificar fontes confiáveis e a ler criticamente os conteúdos, especialmente em temas de saúde. Paralelamente, a “ética do cuidado” deve permear cada interação, garantindo um ambiente de inclusão, linguagem responsável e proteção das individualidades.

A avaliação: colhendo frutos e projetando o futuro

A avaliação é um processo contínuo de reflexão, essencial para medir o impacto do que foi realizado e aprimorar as ações futuras.

- **Verificar os Impactos:** A avaliação busca compreender as transformações geradas nos participantes e no ambiente escolar. Isso pode ser feito através da observação de mudanças de comportamento, da aplicação de questionários ou da análise de indicadores de processo (como a participação), de resultado (o que foi alcançado imediatamente) e de impacto (as mudanças mais profundas e duradouras na saúde e na qualidade de vida). É importante lembrar que os efeitos mais significativos das ações educativas se manifestam a médio e longo prazo, construídos de forma sistemática e cumulativa.
- **Aprender e Documentar:** A autoavaliação da equipe é fundamental para identificar os pontos fortes e os aspectos que precisam de aprimoramento. Manter um registro detalhado de todas as atividades e dos aprendizados serve como memória do projeto, permitindo o monitoramento ao longo do tempo e a sistematização das boas práticas. Essa documentação alimenta a “sustentabilidade” do projeto, transformando-o em um recurso valioso para a escola e a comunidade. O que aprendemos se torna um legado, inspirando novas ações e consolidando a educação em saúde como um pilar da formação para a vida.

Assim, estas diretrizes são mais do que um roteiro; são um convite para que cada educador, com seu olhar único, transforme a teoria em uma prática viva de cuidado, construindo um futuro mais saudável e consciente para todos.

5. EIXOS TEMÁTICOS: O CUIDADO EM MÚLTIPLAS DIMENSÕES

Com o alicerce pedagógico construído – que reconhece o perfil singular de nossos estudantes e estabelece as diretrizes para um planejamento, acompanhamento e avaliação conscientes –, chegamos ao coração dos conteúdos que dão corpo à educação em saúde. O NEC, em diálogo contínuo com as escolas parceiras, desenvolveu e validou um conjunto de eixos temáticos que pautam todos os projetos. Estes temas não são caixas estanques, mas janelas abertas para a realidade, capazes de se conectar, se entrelaçar e se adaptar às necessidades específicas de cada turma, território e momento.

A flexibilidade é nossa palavra-chave: um projeto pode aprofundar-se em um único tema, associar diferentes eixos ou, em momentos oportunos, abrangê-los de forma mais geral. Essa escolha estratégica se alinha à demanda do projeto, ao período letivo e à sensibilidade de aproveitar campanhas sazonais ou outras vivências da comunidade, permitindo que a educação em saúde seja sempre relevante e contextualizada.

Eixo 1: Prevenção Primária e Promoção da Saúde – cultivando hábitos para uma vida plena

Este eixo é um convite para construir, desde cedo, um “chão protetor” que sustente a vida adulta. Ele foca na promoção da saúde em seu sentido mais abrangente, capacitando os estudantes a desenvolverem o autocuidado e a adotarem hábitos que os acompanharão ao longo de toda a vida. Para o educador, mergulhar nestes temas é ir além da informação, estimulando a reflexão crítica, o protagonismo e a tomada de decisões conscientes sobre o próprio corpo e bem-estar.

- a. Atividade física:** Em um cotidiano cada vez mais sedentário, educar para a atividade física é empoderar o estudante para o movimento. É mostrar que não se trata apenas de esporte, mas de integrar o corpo ativo à rotina, reconhecendo seus inúmeros benefícios para a saúde física, o desenvolvimento cognitivo e emocional, a prevenção de doenças crônicas e a melhoria da qualidade de vida. É despertar a alegria de se mover.
- b. Proteção solar:** O sol é fonte de vida, mas sua exposição desprotegida exige atenção. Abordar a proteção solar na escola é uma medida fundamental de prevenção contra o câncer de pele, uma das formas mais comuns da doença. É um gesto simples que ensina a importância da observação do corpo, dos hábitos seguros sob o sol e do uso consciente de protetores, transformando o conhecimento em um cuidado diário e essencial consigo mesmo.
- c. Alimentação saudável:** A alimentação é o combustível da vida e o alicerce da saúde. Discutir a alimentação saudável é essencial para formar estudantes capazes de fazer escolhas conscientes, desconstruir mitos e compreender a profunda conexão entre o que comemos e nosso bem-estar físico e mental. É uma ferramenta poderosa para prevenir doenças, fortalecer o sistema imunológico e garantir um desenvolvimento integral.

- d. Saúde bucal:** Muito além de um sorriso bonito, a saúde bucal é um espelho e um componente vital da saúde geral. Este tema permite explorar a importância da higiene e da prevenção de doenças bucais, ressaltando suas implicações para o bem-estar sistêmico e a autoestima. É desmistificar o cuidado e incentivar o acesso regular a profissionais, promovendo um cuidado integral.
- e. Tabagismo:** O enfrentamento ao tabagismo, especialmente na infância e adolescência, é crucial para prevenir um vício com impactos devastadores na saúde individual e coletiva. Discutir este tema é empoderar os estudantes a resistir à pressão social, a compreender os malefícios do fumo ativo e passivo, e a se tornarem agentes de promoção de ambientes livres de tabaco, escolhendo a liberdade de um futuro sem dependências.
- f. Bebidas alcoólicas:** A adolescência é um período de descobertas e, muitas vezes, de vulnerabilidades. Abordar o uso de bebidas alcoólicas é essencial para discutir os riscos associados ao consumo precoce e excessivo, a importância de escolhas responsáveis e o desenvolvimento da capacidade de pedir ajuda. É um convite à reflexão crítica, sem moralismo, mas com foco na informação, na autonomia e na valorização da vida.
- g. Autocuidado:** O autocuidado transcende o físico, abraçando a saúde mental e emocional. Em um mundo de múltiplas pressões e desafios, educar para o autocuidado é oferecer ferramentas valiosas para os estudantes gerenciarem suas emoções, cultivarem relações saudáveis, desenvolverem resiliência e reconhecerem a importância de buscar apoio quando necessário. É formar sujeitos capazes de cuidar de si e do outro, promovendo uma cultura de bem-estar integral.
- h. Saúde ocupacional:** Embora possa parecer um tema distante para o ambiente escolar, preparar os estudantes para o futuro do trabalho inclui conscientizá-los sobre a importância de ambientes saudáveis e seguros. Este tema introduz conceitos de prevenção de acidentes e doenças relacionadas ao trabalho, formando futuros profissionais com uma cultura de segurança, ergonomia e bem-estar, antecipando cuidados essenciais para a vida adulta.
- i. Meio ambiente:** A saúde humana está intrinsecamente ligada à saúde do planeta. Abordar o meio ambiente é discutir a qualidade do ar, da água, do solo e a importância da sustentabilidade para a nossa própria saúde e a das gerações futuras. É desenvolver a consciência de que cuidar do ambiente é cuidar de si e da comunidade, formando cidadãos ativos e responsáveis pela transformação de realidades.

Eixo 2: Prevenção Secundária: atenção e detecção precoce – acolhendo sinais, agindo com cuidado

Este eixo se concentra em capacitar os estudantes para que sejam capazes de “ler o mundo” e, especialmente, “ler o próprio corpo”. A meta é reduzir a demora entre perceber um problema e buscar ajuda, fortalecendo a capacidade de identificar sinais e procurar apoio quando necessário. Em relação ao câncer, um dos focos do Hospital de Amor, esta abordagem não o isola, mas o integra ao conjunto da educação em saúde, garantindo que o tema seja tratado com a seriedade e o cuidado

necessários, desmistificando-o e promovendo o acesso à informação.

- a. Pele:** Para além da proteção primária, a detecção precoce de alterações na pele é vital. Ensinar os estudantes a observar pintas, manchas e lesões incomuns em seu corpo e no de seus familiares, a conhecer as características de alerta e a buscar avaliação profissional, são passos fundamentais para um diagnóstico precoce e um tratamento mais eficaz do câncer de pele.
- b. Mama:** Quebrar tabus e promover a conscientização sobre a saúde da mama é crucial para todos os gêneros. Para as meninas, é fundamental para o futuro autocuidado e a compreensão da importância do exame clínico. Para os meninos, é sobre empatia, apoio e o reconhecimento de que a saúde da mama também pode afetá-los e a pessoas queridas. É capacitar para a identificação de sinais e o acesso à informação confiável.
- c. Colo de útero:** Informar sobre a prevenção do câncer de colo de útero é empoderar as jovens para a proteção da sua saúde sexual e reprodutiva. Discutir a vacinação contra o HPV e a importância de exames de rotina no futuro são temas que reforçam o acesso a direitos em saúde e a construção de uma vida sexual e reprodutiva consciente e segura.
- d. Próstata:** Abordar a saúde da próstata, mesmo em um contexto escolar, é plantar a semente da conscientização para o futuro. Quebrar o estigma e discutir a importância da prevenção e do diagnóstico precoce do câncer de próstata é fundamental para a saúde masculina e para formar adultos que buscam o cuidado de forma proativa, sem preconceitos.
- e. Colorretal:** A relação entre hábitos alimentares, estilo de vida e a saúde do intestino é direta e profunda. Este tema permite discutir a prevenção do câncer colorretal através da alimentação saudável e da atividade física, além de alertar para sinais e sintomas digestivos que demandam atenção, integrando a prevenção primária à importância da detecção precoce de forma contínua.
- f. Cavidade oral:** O exame da cavidade oral vai muito além da higiene básica. Ensinar os estudantes a observar a boca, a língua e as gengivas, identificando alterações que podem ser sinais precoces de câncer oral, é uma ferramenta simples e poderosa de autocuidado e alerta. Promover esse olhar atento ajuda na identificação de quaisquer anormalidades que exijam avaliação profissional.

Estes eixos temáticos, tecidos com rigor e humanidade, formam o arcabouço sobre o qual se edifica nossa proposta de educação em saúde. Eles representam a amplitude do cuidado que buscamos cultivar, permitindo que cada projeto seja uma resposta contextualizada e potente às necessidades de cada comunidade escolar. Através deles, a escola se reafirma como um espaço vital para a construção de uma cultura de saúde, onde o conhecimento se traduz em práticas de vida e transformação.

6. PROPOSTAS DE AÇÕES EDUCATIVAS

6.1. Abordagens em sala de aula



Ficha Técnica nº 1**Técnica:** Estudo de caso**Público-alvo:** Estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio.**Objetivos:**

- Desenvolver a capacidade de análise e resolução de problemas em situações reais.
- Estimular pensamento crítico e argumentação.
- Promover trabalho em grupo e colaboração.
- Relacionar conceitos de Educação em Saúde ao cotidiano escolar e comunitário.

Parcerias: Secretaria Municipal de Saúde local.**Materiais:** Vídeos, slides, computadores e projetor.**Responsáveis:** Equipe escolar e profissionais de saúde parceiros.**Desenvolvimento: Passo 1 – Realização do Estudo de Caso** (Tempo previsto: 1 aula de 50 min.)

- Apresentar o caso ou situação-problema relacionado a um tema de Educação em Saúde aos estudantes (texto, vídeo ou relato breve).
- Dividir a turma em grupos de 4 a 6 integrantes.
- Orientar os grupos a identificar o problema central, levantar hipóteses e discutir soluções possíveis.
- Solicitar que registrem suas conclusões em tópicos objetivos.
- Conduzir a socialização: cada grupo apresenta suas soluções em até 5 minutos.
- Se possível, contar com a participação de um profissional de saúde convidado, que poderá conversar com os estudantes e enriquecer a discussão.
- Finalizar retomando os principais aprendizados e relacionando com a realidade dos estudantes.

Passo 2 – Avaliação do Processo

- Avaliar a participação e o envolvimento dos estudantes durante as discussões em grupo e nas apresentações.
- Aplicar avaliação coletiva rápida: roda de conversa ou formulário com percepções sobre a atividade (o que aprenderam, dificuldades, sugestões).
- Registrar impressões dos professores em relatório sucinto para acompanhamento da equipe gestora.

Comentário: O Estudo de Caso permite que os estudantes apliquem o conhecimento em uma situação prática, favorecendo a reflexão crítica e o trabalho colaborativo. O professor atua como mediador, instigando perguntas e orientando o raciocínio, sem dar respostas prontas. É importante adequar o nível de complexidade do caso à faixa etária da turma, garantindo que todos consigam participar ativamente.

Fonte: Projeto “Passos que Salvam nas Escolas” - EMEB Manoel Rodrigues Villarinho (2024).

Ficha Técnica nº2**Técnica:** Roda de Conversa com Registro Coletivo**Público-alvo:** Estudantes do Ensino Fundamental Anos Iniciais e Finais.**Objetivos:**

- Estimular a expressão oral e a escuta ativa em grupo.
- Promover a conscientização sobre temáticas de Educação em Saúde.
- Construir coletivamente um material de registro (cartaz/mural) que sintetize reflexões e aprendizados.

Parcerias: Secretaria de Saúde local.**Materiais:** Papel pardo ou cartolina, canetas coloridas, pincéis atômicos, cartilhas, recursos audiovisuais (retroprojeto, slides, vídeos).**Responsáveis:** Professor(es) da turma, com apoio da equipe escolar.**Desenvolvimento - Tempo previsto para todos os passos:** 3 aulas de 50 minutos**Passo 1 – Roda de Conversa e sensibilização**

- Organizar os estudantes em círculo.
- Iniciar a conversa com perguntas instigadoras relacionadas à temática de saúde escolhida.
- Incentivar os estudantes a partilhar experiências, percepções e dúvidas.
- Realizar contação de história ou exibição de recurso audiovisual para ampliar a discussão.
- Quando possível, contar com a presença de um profissional de saúde para dialogar com os estudantes e enriquecer a discussão.

Passo 2 – Exploração de materiais educativos

- Apresentar materiais educativos (cartilhas, vídeos, HQs) relacionados à temática.
- Conduzir leitura ou exibição compartilhada, promovendo comentários e perguntas.
- Relacionar as informações com a roda de conversa e registrar coletivamente palavras-chave, ideias e sentimentos.
- Estimular a criação de frases, imagens ou símbolos para uso no cartaz coletivo.

Passo 3 – Produção do cartaz coletivo

- Retomar os principais pontos debatidos.
- Propor a elaboração de um cartaz coletivo que sintetize as ideias, sentimentos e aprendizados.
- Garantir que todos os estudantes deixem sua contribuição no cartaz (palavras, desenhos, símbolos).
- Expor o cartaz em espaço visível da escola.

Avaliação

- Observar a participação dos estudantes na roda de conversa e no processo de registro.
- Valorizar a qualidade das contribuições e o envolvimento no trabalho coletivo.
- Realizar roda de fechamento para que os estudantes expressem o que aprenderam e como se sentiram.

Comentário: A roda de conversa, aliada ao registro coletivo, é uma técnica que favorece a escuta, a partilha de vivências e a construção conjunta do conhecimento. O cartaz atua como memória visual da atividade e fortalece a mobilização comunitária. O professor deve atuar como mediador, estimulando a participação de todos, garantindo respeito às falas e organizando as ideias de forma acessível.

Fonte: Projeto “Passos que Salvam nas Escolas” - CEMEI Paulo Belmiro Ferreira (2024).

Ficha Técnica nº 3**Técnica:** Teatro Educativo**Público-alvo:** Estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio.**Objetivos:**

- Abordar de forma lúdica e reflexiva temáticas de Educação em Saúde.
- Estimular criatividade, expressão oral e corporal.
- Promover pesquisa e apropriação de conhecimentos científicos em linguagem acessível.
- Incentivar o trabalho em equipe e o protagonismo estudantil.

Parcerias: Professores de Biologia, Língua Portuguesa/Leitura e Artes.**Materiais:** Textos científicos e materiais de apoio sobre o tema de saúde escolhido; Figurinos e adereços simples (confeccionados pelos próprios estudantes, se possível); Espaço interno da escola (sala, pátio ou auditório); Equipamentos de som e iluminação (quando disponíveis).**Responsáveis:** Professores envolvidos na atividade.**Desenvolvimento: Passo 1 – Introdução ao tema (1 aula)**

- Apresentar a temática de saúde escolhida.
- Aplicar um recurso disparador (quiz, roda de conversa ou vídeo) para levantar conhecimentos prévios.

Passo 2 – Produção do roteiro (2 aulas + extrassala)

- Organizar os estudantes em grupos responsáveis pela criação de cenas que representem situações relacionadas ao tema de saúde.
- Orientar que o roteiro traga informações corretas, exemplos do cotidiano escolar e mensagens de prevenção ou conscientização.
- Revisar os roteiros produzidos, assegurando clareza, coerência e adequação das informações em saúde.
- Apoiar os grupos na adaptação da linguagem para o público escolar.

Passo 3 – Ensaios e produção do figurino (3 a 4 semanas, dentro e fora das aulas)

- Ensaiar coletivamente, revisando falas, expressões e entonação.
- Corrigir equívocos conceituais sobre saúde durante o processo.
- Incentivar disciplina, cooperação e responsabilidade.
- Produzir coletivamente com a turma figurino simples e criativo, utilizando materiais acessíveis.

Passo 4 – Apresentação (1 aula ou evento interno)

- Realizar a apresentação para a turma ou demais séries da escola.
- Concluir com breve roda de conversa, reforçando os pontos principais do tema de saúde abordado.

Avaliação:

- Avaliar clareza das informações em saúde transmitidas.
- Observar engajamento, cooperação e criatividade durante a produção e encenação.
- Coletar impressões dos estudantes espectadores para verificar se compreenderam o conteúdo.

Comentário: O teatro em sala de aula combina ciência e arte, reforçando conceitos de Educação em Saúde. A preparação pelo professor assegura conteúdo correto, enquanto a dramatização envolve os alunos e conscientiza a comunidade escolar sobre temas de Educação em saúde.**Fonte:** Projeto “Passos que Salvam nas Escolas” - E.E. Alexandre de Ávila Borges (2024).

Ficha Técnica nº 4**Técnica:** Construção de Maquetes**Público-alvo:** Estudantes do Ensino Fundamental e Médio.**Objetivos:**

- Estimular a compreensão de conceitos de saúde por meio de representação visual e espacial.
- Favorecer o aprendizado ativo e colaborativo dentro da sala de aula.
- Possibilitar socialização do conhecimento por meio de uma exposição local ou ampliada para a escola.

Parcerias: Professores de Biologia, Língua Portuguesa/Leitura e Artes.**Materiais:** Papelão, isopor, papel, tinta, cola, tesoura, materiais recicláveis, marcadores, cartolina, maquetes de apoio (se disponíveis).**Responsáveis:** Professores da turma e equipe pedagógica.**Desenvolvimento: Passo 1 – Introdução ao tema (1 aula)**

- Apresentar o tema de saúde escolhido (ex.: prevenção de doenças, alimentação saudável, saneamento básico, corpo humano).
- Contextualizar o tema por meio de vídeo, estudo de caso ou roda de conversa.
- Incentivar discussão sobre ideias, dúvidas e experiências relacionadas ao tema.
- Explicar que o tema será representado por meio de maquetes, detalhando expectativas e objetivos da atividade.

Passo 2 – Organização dos grupos (1 aula)

- Dividir a turma em grupos de 4 a 6 integrantes.
- Orientar sobre definição de subtemas a serem representados por cada grupo.
- Indicar estratégias de pesquisa e seleção de materiais disponíveis, estimulando uso de recicláveis.
- Esclarecer responsabilidades dentro de cada grupo e expectativas de participação.

Passo 3 – Construção das maquetes (2 a 3 aulas + extrassala)

- Orientar elaboração de esboços e organização do espaço de trabalho.
- Acompanhar distribuição de tarefas, montagem da base e inserção de elementos, cores, legendas e textos explicativos.
- Garantir coerência conceitual, clareza visual e participação equilibrada de todos.
- Fornecer suporte, sugerir ajustes e incentivar ensaio das explicações orais.

Passo 4 – Exposição das maquetes (1 aula ou momento combinado)

- Organizar exposição das maquetes dentro da própria sala, estimulando apresentação para colegas e discussão do conteúdo.
- Estimular interação, perguntas e troca de conhecimentos entre os grupos.
- Opcional: ampliar exposição para outras turmas ou espaços da escola, envolvendo familiares e comunidade escolar.

Avaliação:

- Avaliar clareza e coerência das representações em relação ao tema.
- Considerar participação e engajamento de todos os integrantes do grupo.
- Promover roda de conversa para reflexão sobre aprendizado e cooperação.
- Registrar percepções sobre engajamento, criatividade e compreensão dos conceitos.

Comentário: A construção de maquetes promove aprendizagem ativa, criatividade e colaboração, com mediação do professor garantindo coerência e participação. A exposição valoriza o esforço coletivo e permite compartilhar conhecimentos, podendo envolver toda a escola e a comunidade.**Fonte:** Projeto “Passos que Salvam nas Escolas” - E.E. Paulina Nunes de Moraes (2024).

6.2. Abordagens com a escola



Ficha Técnica nº 1**Técnica:** Feira de Exposição – Educação em Saúde**Público-alvo:** Toda a comunidade escolar (estudantes, professores, funcionários, familiares e visitantes).**Objetivos:**

- Promover a socialização de conhecimentos sobre saúde em diferentes perspectivas.
- Envolver toda a escola em um projeto coletivo de Educação em Saúde.
- Estimular protagonismo estudantil, criatividade e trabalho interdisciplinar.

Parcerias: Secretaria Municipal de Saúde local**Materiais:** Espaço amplo, mobiliário básico (mesas e cadeiras), painéis ou biombos, materiais de comunicação, som e microfone, crachás para expositores e kits de higiene e segurança.**Responsáveis:** Direção escolar, coordenação pedagógica, comissão organizadora (professores representantes), líderes de turma e equipe de apoio (funcionários e voluntários).**Desenvolvimento: Passo 1 – Planejamento Inicial (30 a 45 dias antes)**

- Definir data, local, público-alvo e duração da feira.
- Formar comissão organizadora com gestores, professores e estudantes.
- Escolher um tema central de Educação em Saúde e subtemas para cada turma.
- Convidar parceiros da saúde para palestras, oficinas ou demonstrações.

Passo 2 – Organização dos Estandes e Divulgação (15 a 20 dias antes)

- Orientar cada turma na preparação de painéis, maquetes, jogos ou experimentos.
- Definir disposição dos espaços, sinalização e fluxo de visitantes.
- Produzir materiais de divulgação e distribuir para famílias e redes sociais.
- Estabelecer regras de funcionamento: tempo de visita, ordem de apresentações e escala de recepção.

Passo 3 – Preparação Final (1 semana antes)

- Conferir materiais, equipamentos e estrutura física (mesas, cadeiras, som, limpeza).
- Validar conteúdos preparados, garantindo a correção das informações.
- Treinar estudantes expositores para explicar com clareza e acolhimento.
- Organizar equipes de apoio para recepção, orientação ao público e registro fotográfico.

Passo 4 – Realização da Feira

- Montar os estandes com identificação, materiais e organização adequada.
- Designar recepção de visitantes e orientar sobre a dinâmica da feira.
- Coordenar abertura oficial com fala de boas-vindas, reforçando a importância da educação em saúde.
- Acompanhar a circulação, estimulando interação entre público e expositores com perguntas e curiosidades.
- Registrar o evento em fotos e/ou vídeos.
- Encerrar coletivamente com agradecimentos, podendo destacar trabalhos.

Passo 5 – Avaliação e Encerramento

- Realizar avaliação coletiva com estudantes, professores e equipe organizadora, por rodas de conversa ou formulários.
- Refletir sobre organização, participação e aprendizados.
- Registrar o evento em relatórios, fotos e redes sociais para memória e divulgação.

Comentário: Como estratégia de maior engajamento, pode-se adotar o “Passaporte da Feira”, entregue na entrada para que os visitantes coletem carimbos ou assinaturas em cada estande. Ao completar um número mínimo de visitas, recebem prêmios simbólicos, o que estimula a circulação, amplia a troca de conhecimentos e torna a experiência mais lúdica.**Fonte:** Projeto “Feira de Ciências” - E.M. Leodete Silvério Jói – Barretos – SP (2025).

Ficha Técnica nº 2

Técnica: Gincana da Saúde

Público-alvo: Estudantes do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Objetivos:

- Promover a prática de atividades físicas e cognitivas de forma lúdica e educativa.
- Estimular a adoção de hábitos saudáveis e a reflexão sobre prevenção de doenças.
- Integrar estudantes, professores, famílias e comunidade em um evento de aprendizado.

Parcerias: Secretaria Municipal de Saúde local, famílias ou instituições locais.

Materiais: Cordas, cones, bambolês, bolas, cartazes, apitos, microfone ou caixa de som, mesas de apoio, crachás de equipes, fichas de pontuação e prêmios simbólicos.

Responsáveis: Direção escolar, coordenação pedagógica, comissão organizadora (professores representantes), líderes de turma e equipe de apoio (funcionários e voluntários).

Desenvolvimento:

Passo 1 – Planejamento e Preparação

- Formar a equipe organizadora e definir datas, horários, público-alvo e espaço.
- Selecionar provas físicas, cognitivas e colaborativas relacionadas à Educação em Saúde.
- Dividir os estudantes em grupos equilibrados, atribuindo cores e nomes às equipes.
- Planejar a logística: estações das provas, circulação, pontos de hidratação, primeiros socorros e materiais.
- Definir regras e critérios de pontuação claros.
- Mobilizar parceiros (profissionais de saúde, familiares e comunidade) para apoio, orientação e premiação simbólica.

Passo 2 – Mobilização da Comunidade e Preparação das Provas

- Apresentar a gincana à comunidade escolar, explicando objetivos, regras e cronograma.
- Incentivar a participação de famílias, professores e demais membros da comunidade.
- Preparar pontos de hidratação e segurança, garantindo organização e bem-estar de todos.
- Ensaiar as provas com mediadores, ajustando materiais e instruções conforme necessário.

Passo 3 – Realização da Gincana

- Abertura oficial com fala breve sobre cooperação, saúde e hábitos saudáveis.
- Conduzir as provas conforme cronograma, garantindo rodízio de equipes, tempo adequado e acompanhamento de mediadores.
- Manter placar visível para estimular engajamento.
- Inserir provas-relâmpago ou desafios surpresa sobre saúde e hábitos saudáveis.
- Estimular interação com a comunidade, incluindo participação de pais ou visitantes em provas especiais.

Passo 4 – Encerramento e Avaliação

- Realizar premiação simbólica, destacando participação, espírito coletivo e engajamento.
- Conduzir mensagem final reforçando a importância da prática de hábitos saudáveis e atividades físicas.
- Avaliar o evento com comissão organizadora, professores e representantes de estudantes, utilizando formulários, rodas de conversa ou relatórios, registrando aprendizados e sugestões para próximas edições.

Comentário: A gincana combina aprendizado, movimento e diversão, fortalecendo laços entre escola, família e comunidade. Registrar o evento valoriza o esforço coletivo, incentiva novas edições e gera material pedagógico para futuras atividades.

Fonte: Projeto “Unidos pelo movimento: mexa-se com alegria” - EMEF Antônio Zuquim – Guaraci/SP (2025)

Ficha Técnica nº 3**Técnica:** Festival Cultural de Saúde**Público-alvo:** Estudantes do Ensino Fundamental e Ensino Médio, professores, funcionários e comunidade escolar.**Objetivos:**

- Promover a reflexão sobre temáticas de saúde de forma criativa e cultural.
- Incentivar a produção artística como ferramenta de aprendizagem e sensibilização.
- Estimular estudantes e professores a se tornarem multiplicadores de informações sobre saúde na comunidade.

Parcerias: Profissionais de saúde; Famílias e comunidade; Secretaria de Educação e órgãos locais.**Materiais:** Espaços para apresentações (auditório, quadra, pátio); Materiais artísticos (fantasias, adereços, instrumentos, cenários); Recursos audiovisuais (microfone, caixas de som, projetor); Fichas de inscrição, formulários de avaliação, certificados, medalhas troféus.**Responsáveis:** Direção escolar, coordenação pedagógica, comissão organizadora (professores representantes), líderes de turma e equipe de apoio (funcionários e voluntários).**Desenvolvimento: Passo 1 – Planejamento do Festival**

- Definir objetivos, temática central relacionada à saúde e modalidades artísticas.
- Organizar equipes de coordenação, supervisão e suporte técnico.
- Planejar logística: datas, espaços de apresentação, materiais, premiações e divulgação.
- Selecionar banca avaliadora e criar critérios de avaliação com fichas de registro.

Passo 2 – Capacitação de Educadores

- Formar professores sobre a temática de saúde e estratégias pedagógicas.
- Possibilitar visita a unidades de referência para contextualização prática.

Passo 3 – Produção Artística em Sala de Aula

- Orientar estudantes na criação de produções artísticas relacionadas à saúde.
- Definir grupos, roteiros, cenário, figurino e recursos necessários.
- Incentivar pesquisa e reflexão sobre o tema antes da produção.

Passo 4 – Pré-Seleção

- Solicitar envio de vídeos ou registros das produções.
- Organizar a banca avaliadora para selecionar os trabalhos que participarão da apresentação final, utilizando os critérios definidos.

Passo 5 – Festival Cultural de Saúde (Culminância)

- Planejar logística do evento (palco, som, plateia, horários).
- Conduzir apresentações, orientar interação com o público e acompanhar desempenho.
- Premiar destaques com troféus, medalhas ou certificados, valorizando participação, criatividade e engajamento.

Passo 6 – Avaliação e Registro

- Registrar o evento com fotos, vídeos e relatos para divulgação e memória pedagógica.
- Promover roda de conversa ou aplicar formulário de feedback com professores, estudantes e equipe organizadora sobre aprendizado, organização e repercussão.

Comentário: O festival transforma conceitos de saúde em experiências artísticas significativas, permitindo aprendizado e compartilhamento criativo.**Dica opcional:** promover uma **sala de reflexão pós-festival**, onde os estudantes possam discutir o que aprenderam sobre saúde, compartilhar percepções sobre as produções artísticas e registrar ideias para projetos futuros.**Fonte:** Projeto “Festival Cuidar” – Hospital de Amor (2025).

Ficha Técnica nº 4

Técnica: Saúde em Arte - Conscientização escolar por meio da decoração criativa

Público-alvo: Estudantes da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e Médio, professores, funcionários e comunidade escolar.

Objetivos:

- Promover a conscientização sobre temas de saúde de forma coletiva e participativa.
- Integrar aprendizado em sala de aula com expressão artística.
- Transformar os espaços escolares em ambientes educativos e inspiradores.

Parcerias: Profissionais da saúde; Famílias e comunidade escolar; Instituições de saúde, ONGs ou empresas locais (ex.: UBS do bairro, associações de pais, papelarias).

Materiais: Papel, cartolina, tintas, pincéis, tecidos, fitas, cola, tesouras, elementos naturais (folhas secas, flores), materiais recicláveis (garrafas PET, tampinhas, caixas), e outros itens artísticos.

Responsáveis: Direção escolar, coordenação pedagógica, comissão organizadora (professores representantes), líderes de turma e equipe de apoio (funcionários e voluntários).

Desenvolvimento: Passo 1 – Planejamento

- Definir tema central de saúde.
- Reunir professores e equipe para apresentar proposta, distribuir responsabilidades e definir cronograma.
- Escolher espaços de decoração e atribuir a cada sala ou grupo.
- Orientar turmas a trabalhar o tema em sala com atividades preparatórias.
- Listar e planejar aquisição de materiais necessários (papel, tintas, tecidos, etc.).

Passo 2 – Preparação

- Conduzir momentos em sala de aula para estudo da temática de saúde escolhida, com apoio de professores e, se possível, profissionais da saúde convidados.
- Incentivar os estudantes a planejar coletivamente as ideias de decoração.
- Solicitar que cada turma apresente seu plano de decoração à coordenação antes da execução, garantindo diversidade e coerência com o tema.

Passo 3 – Realização da Decoração

- Orientar os estudantes a produzir os materiais decorativos em grupo, utilizando recursos variados (painéis, cartazes, maquetes, arte com materiais recicláveis).
- Acompanhar a montagem dos espaços definidos, garantindo organização, segurança e harmonia estética.
- Estimular a troca de visitas entre as salas, para que todos conheçam as diferentes abordagens criadas.

Passo 4 – Avaliação e Encerramento

- Promover uma circulação guiada pela escola, permitindo que professores, estudantes e familiares conheçam as decorações e discutam as mensagens transmitidas.
- Avaliar a atividade considerando o envolvimento das turmas, a criatividade, a clareza das mensagens de saúde e o aprendizado demonstrado.
- Registrar o resultado com fotos ou vídeos para divulgação em redes sociais ou murais internos.

Comentário: Essa técnica é flexível e pode ser adaptada para todas as etapas da educação básica, da Educação Infantil ao Ensino Médio. Em turmas menores, as produções podem ser mais simples e coletivas, enquanto nas séries mais avançadas podem envolver pesquisa e elaboração de mensagens mais complexas.

Fonte: Projeto “Talento Rosa” – Núcleo de Educação em Câncer – Hospital de Amor (2024).

6.3. Abordagens com pais e responsáveis



Ficha Técnica 1 – Pais e Responsáveis

Técnica: Oficina Nutrir Bem

Público-alvo: Pais e responsáveis dos estudantes.

Objetivos:

- Refletir sobre os próprios hábitos alimentares e sua influência na saúde da família.
- Identificar opções acessíveis e saudáveis para o dia a dia.
- Estimular preparo e consumo de alimentos saudáveis em família.

Parcerias: Nutricionista da rede pública e mercados locais ou feiras para doação/fornecimento de ingredientes.

Materiais: Utensílios básicos de cozinha (tigelas, colheres e facas); Ingredientes acessíveis da região; Fichas com receitas simples; Materiais de higiene.

Responsáveis: Nutricionista, auxiliares de cozinha e equipe pedagógica da instituição escolar.

Desenvolvimento: Passo 1 – Preparação (antes da oficina)

- Reunir nutricionista, coordenador e pedagogo para definir objetivo, receitas, número de vagas, data, horário, local, responsabilidades da equipe e limite e participantes.
- Escolher receitas rápidas, de baixo custo e com ingredientes locais.
- Elaborar um convite e fichas de inscrição (nome, contato, turma do filho, alergias e autorização de imagem).
- Abrir as inscrições pela secretaria ou por formulários on-line disponibilizados via redes sociais da escola; confirme presença e mantenha lista de espera.
- Fazer uma lista dos itens, verifiquem o que pode ser doado/fornecido e faça as compras com margem de 10% de acordo com o número de inscritos.
- Imprimir receitas, fichas de avaliação e termos de autorização.
- Verificar a infraestrutura: mesas de apoio, utensílios, pias, extintor, e kits de higienização.

Passo 2 – Realização (durante a oficina)

- Montar estações, sinalize áreas e organize utensílios.
- Receber participantes, confirme inscrições e verifique alergias.
- Acolher com breve roda sobre memórias alimentares (5–10 min).
- Apresentar objetivos, regras de higiene e segurança (5 min).
- Demonstrar a receita principal passo a passo. Exemplos: salada colorida, lanche natural, petisco saudável e entre outras. (10 min).
- Dividir os pais em grupos e conduza a prática culinária (30–45 min).
- Supervisionar a lavagem de mãos, manuseio de facas e separação de ingredientes por alergia.
- Promover degustação e troca de impressões entre grupos (15–20 min).
- Pedir para que cada participante preencha um plano de ação pessoal (1 mudança a testar).
- Aplicar a ficha de avaliação rápida e recolha autorizações de imagem.

Passo 3 – Pós-evento (após a oficina)

- Limpar e organizar materiais; registre custos e recibos.
- Enviar um agradecimento por WhatsApp/e-mail/agenda do estudante com fotos (autorizadas) e receitas.
- Registrar presenças e autorizações e enviar ou disponibilizar um formulário de avaliação para os participantes.
- Reunir a equipe (até 10 dias) para reunião de avaliação e planejar melhorias.
- Documentar as fichas, o roteiro, as avaliações e materiais para replicar a oficina.

Comentário: Essa oficina valoriza a experiência de vida dos pais, permitindo que compartilhem suas práticas e dificuldades, ao mesmo tempo em que aprendem novas possibilidades de alimentação saudável.

Fonte: Projeto “Higiene e Alimentação Saudável” - CEMEI Prof. Luiz Paro Neto (2017).

Ficha Técnica 2 – Pais e Responsáveis

Técnica: Cartas para o Futuro

Público-alvo: Pais e responsáveis dos estudantes.

Objetivos:

- Refletir sobre expectativas de saúde e educação para os filhos.
- Revisitar a própria trajetória de hábitos e escolhas em saúde.
- Estimular compromisso familiar com práticas de cuidado e bem-estar.

Parcerias: Equipe pedagógica, professores de Língua Portuguesa e psicólogo escolar.

Materiais: Fichas de inscrição/avaliação, papel, canetas, envelopes e caixa ou mural para depósito das cartas.

Responsáveis: Professores escolares, principalmente professores de português e/ou literatura.

Desenvolvimento: Passo 1 – Preparação (antes da atividade)

- Reunir a equipe pedagógica para definir objetivos, formato da atividade, data e local.
- Elaborar convites explicando a proposta e prepare ficha de inscrição com espaço para dados básicos e autorização de imagem.
- Providenciar materiais (papel, canetas, envelopes, caixa ou mural para coleta das cartas).
- Organizar a logística: número de participantes, tempo de duração e quem conduzirá cada etapa.

Passo 2 – Realização (durante a atividade)

- Receber os participantes e apresente os objetivos da dinâmica.
- Conduzir uma breve roda de conversa disparadora: “Que sonhos e cuidados você deseja para o futuro do seu filho?” “Que mudanças você mesmo pode assumir para dar exemplo?”.
- Entregar papel e envelopes e oriente os pais a escreverem livremente sua carta.
- Promover um momento de partilha voluntária, em que alguns pais leiam trechos da sua carta para o grupo.
- Recolher as cartas em caixa ou mural, lacre e informe a data prevista para devolução.
- Reforçar a importância de transformar os compromissos escritos em pequenas ações no cotidiano e aplicar uma ficha rápida de avaliação para registrar impressões e sugestões.

Passo 3 – Pós-evento (após a atividade)

- Guardar as cartas em local seguro até a data definida para a releitura/devolução.
- Enviar uma mensagem de agradecimento pelo WhatsApp/agenda escolar reforçando os pontos principais da experiência.
- Reunir a equipe pedagógica para sistematizar a atividade, avaliar resultados e planejar o momento de devolução das cartas.
- Devolver as cartas no próximo ano, por exemplo, durante uma nova atividade, oportunizando momentos de reflexão e renovação do planejamento.
- Reunir a equipe (até 10 dias) para reunião de avaliação e planejar melhorias.
- Documentar as fichas, o roteiro, as avaliações e materiais para replicar a oficina.

Comentário: A atividade cria um espaço simbólico e afetivo que vai além da reflexão imediata. Ao escreverem para os filhos, os pais revisitam suas próprias experiências e valores, reconhecem seus desafios e projetam mudanças possíveis em seus hábitos de saúde e educação.

Fonte: Projeto “Uma Nova Jornada” – Unidade Móvel de Educação do Instituto de Ensino e Pesquisa do Hospital de Amor (2024).

Ficha Técnica 3 – Pais e Responsáveis

Técnica: Saúde Intergeracional

Público-alvo: Pais, familiares e responsáveis pelos estudantes.

Objetivos:

- Valorizar a troca de experiências e saberes entre diferentes gerações.
- Refletir sobre práticas de saúde e cuidado ao longo do tempo.
- Estimular a construção coletiva de valores familiares que fortaleçam hábitos saudáveis.

Parcerias: Profissional da saúde do serviço público (psicólogo, médico, enfermeiro, nutricionista e entre outros), associação de pais, grupos comunitários de idosos, líderes religiosos ou culturais (quando pertinente).

Materiais: Cadeiras organizadas em círculo, câmera para registro fotográfico e/ou em vídeo (opcional), cartazes, canetas, fichas de inscrição e avaliação.

Responsáveis: Equipe pedagógica, professores e coordenação escolar.

Desenvolvimento: Passo 1 – Preparação (antes da atividade)

- Reunir a equipe pedagógica e, se possível, um profissional da saúde, para definir o objetivo, tema central (ex.: “hábitos de saúde no passado e no presente”), responsabilidades da equipe, data, horário, local e número de participantes.
- Elaborar convites simples e preparar a lista de inscrições.
- Convidar pais, irmãos, tios, avós e outros familiares do estudante a participar, destacando a importância de diferentes gerações.
- Reservar e organizar o espaço em círculo para favorecer a escuta, o olhar e a troca.
- Preparar questões disparadoras para iniciar e guiar o diálogo.

Passo 2 – Realização (durante a atividade)

- Receber os participantes e explicar os objetivos da proposta.
- Iniciar com uma dinâmica de apresentação: peça que cada pessoa diga seu nome e uma lembrança de infância relacionada à saúde ou alimentação.
- Conduzir roda de conversa com perguntas disparadoras, como: “Como eram os cuidados com saúde na sua infância?”, “Que práticas antigas ainda podem ser úteis hoje?” e entre outras.
- Promover um momento de troca de experiências entre gerações, incentivando que avós e netos conversem entre si sobre o que aprenderam.
- Pedir para que a família registre contribuições em cartazes ou em mural coletivo, destacando pontos de continuidade e mudança.
- Finalizar com breve reflexão: peça que cada participante diga uma prática que deseja manter ou resgatar em sua família.

Passo 3 – Pós-evento (após a atividade)

- Aplicar uma ficha simples de satisfação (escala Likert) e espaço para comentários.
- Enviar uma mensagem de agradecimento e compartilhe síntese dos principais aprendizados (por agenda escolar ou WhatsApp).
- Sistematizar e avaliar os registros. Considere organizar uma nova edição anual para manter a tradição.
- Documentar as fichas, o roteiro, as avaliações e materiais para replicar a oficina.
- Registrar as práticas e reflexões surgidas para uso em projetos escolares futuros.

Comentário: O Encontro Intergeracional cria um espaço de diálogo em que diferentes gerações compartilham saberes, experiências e valores sobre saúde. Essa interação fortalece laços afetivos, valoriza a cultura familiar e amplia a compreensão de saúde como construção coletiva que atravessa o tempo.

Fonte: Projeto “Folder Informativo às Famílias” – EMEB Manoel Rodrigues Villarinho Filho, Monte Azul Paulista/SP (2024).

Ficha Técnica 4 – Pais e Responsáveis

Técnica: Pais Leitores

Público-alvo: Pais e responsáveis pelos estudantes.

Objetivos:

- Incentivar o hábito da leitura em família como estratégia de incentivo à leitura e aprendizagem da temática saúde.
- Promover diálogos entre pais e filhos sobre temas de saúde e bem-estar.
- Estimular o fortalecimento dos vínculos afetivos por meio da leitura compartilhada.

Parcerias: Biblioteca municipal, Secretaria Municipal da Educação e/ou livrarias comerciais.

Materiais: Livros ou livretos educativos ilustrados e/ou textos curtos sobre saúde e cadernos de registro/fichamento de leitura.

Responsáveis: Professores de Língua Portuguesa, bibliotecário, equipe pedagógica e coordenação escolar.

Desenvolvimento: Passo 1 – Preparação (antes da atividade)

- Reunir a equipe pedagógica para definir textos e livros a serem utilizados.
- Selecionar materiais acessíveis e adequados à faixa etária dos filhos, pois a leitura será compartilhada.
- Elaborar convites para pais e filhos, explicando a proposta.
- Separar ou peça para que cada família separe 1 caderno de registro de leitura.
- Divulgar a atividade e o link de inscrição em murais da escola, secretaria, agenda escolar e redes sociais.

Passo 2 – Realização (durante a atividade)

- Receber as famílias em um encontro inicial de sensibilização sobre a importância da leitura em família e da prevenção primária.
- Explicar a dinâmica: cada família leva um texto/livro para casa e realiza leitura compartilhada durante a semana.
- Orientar que os pais registrem no caderno: data, trecho lido e comentários da família.
- Estimular que conversem sobre o conteúdo, relacionando-o com situações do cotidiano.
- Marcar encontros periódicos (mensais ou bimestrais) para rodas de conversa, nas quais as famílias compartilham experiências de leitura e reflexões.
- Aplicar um formulário de avaliação para os pais e para os filhos após a finalização do livro/texto (escala Likert).

Passo 3 – Pós-evento (após cada ciclo de leitura)

- Recolher registros e sistematize os principais pontos levantados pelas famílias.
- Compartilhar síntese das experiências em mural ou boletim da escola.
- Reunir a equipe pedagógica para avaliar resultados e planejar continuidade do projeto.
- Documentar os cadernos e as avaliações e materiais para replicar a oficina.
- Promover uma culminância anual com exposição dos registros e leitura pública de trechos escolhidos pelas famílias.

Comentário: O objetivo é ampliar o vínculo entre escola e família ao transformar a leitura em um momento de convivência, diálogo, afeto e aprendizado. Além de fortalecer a prática leitora, promove reflexões sobre saúde e bem-estar em linguagem acessível.

Fonte: Projeto “Sala de Leitura” da Escola Estadual Valois Scortecchi, Barretos/SP. (2021).

6.4. Abordagens em mobilizações comunitárias



Ficha Técnica 1 – Comunidade

Técnica: Feira da Saúde

Público-alvo: Comunidade.

Objetivos:

- Fortalecer a integração entre escola, comunidade e serviços públicos de saúde.
- Mobilizar a comunidade em torno de hábitos saudáveis e cidadania.
- Oferecer, junto dos serviços públicos de saúde, serviços básicos de promoção e prevenção em saúde.

Parcerias: Programa Saúde na Escola (PSE), Secretaria Municipal de Saúde, Unidade Básica de Saúde e instituições universitárias de saúde.

Materiais: Mesas e cadeiras, equipamentos de saúde (balança, estadiômetro, fita antropométrica, esfigmomanômetro, glicosímetro e entre outros), insumos para vacinação, materiais de higiene e folhetos.

Responsáveis: Equipe escolar e equipe do PSE.

Desenvolvimento: Passo 1 – Preparação (antes da feira)

- Reunir a equipe escolar e os profissionais da saúde para definir data, local e logística.
- Planejar os serviços que serão ofertados: aferição de peso, altura, cálculo de IMC, avaliação nutricional, verificação de pressão arterial, atualização de caderneta vacinal e orientações de saúde.
- Elaborar convites e plano de divulgação (cartazes, redes sociais, rádio comunitária, carro de som).
- Organizar parcerias para doação de materiais e apoio logístico.
- Preparar lista de voluntários, divisão de tarefas e cronograma de atendimentos.

Passo 2 – Realização (durante a feira)

- Montar os espaços de atendimento, vacinação e oficinas práticas.
- Receber os participantes, explique o funcionamento da feira e oriente sobre os serviços disponíveis.
- Realizar atendimentos de saúde, quando indicado, em parceria com a UBS local, incluindo: crianças e adolescentes (aferição de peso, altura, cálculo de IMC, avaliação nutricional, atualização vacinal) e educadores, famílias e comunidade (verificação de pressão arterial, glicemia capilar, orientações de autocuidado e vacinação).
- Se possível, promover durante a feira atividades lúdicas, jogos educativos com as crianças.

Passo 3 – Pós-evento (após a feira)

- Recolher as fichas de avaliação e sistematize os resultados (número de atendimentos, serviços ofertados, vacinas aplicadas).
- Produzir relatório simples com dados da feira e compartilhe com parceiros e comunidade.
- Aplicar a ficha de satisfação simples com perguntas sobre relevância e organização.
- Enviar mensagem de agradecimento aos participantes e parceiros.
- Reunir a equipe escolar e de saúde (até 10 dias após o evento) para avaliar pontos fortes, desafios e possibilidades de melhoria.
- Considerar incluir a feira no calendário anual da escola e integrá-la às ações regulares do PSE.

Comentário: A Feira da Saúde e Cidadania, articulada ao Programa Saúde na Escola (PSE), potencializa a integração entre escola, saúde e comunidade. Além de promover acesso a serviços essenciais, transforma o território escolar em espaço de cuidado, informação e cidadania, reforçando vínculos comunitários e estimulando hábitos saudáveis.

Fonte: Feira de Ciências das Escolas Municipais de Barretos/SP (2024).

Ficha Técnica 2 – Comunidade

Nome: Cine Comunidade

Público-alvo: Comunidade.

Objetivos:

- Utilizar o canal audiovisual como recurso de reflexão e educação em saúde.
- Estimular o diálogo comunitário sobre temas de saúde e cidadania.
- Promover o espaço escolar (ou cinema local) como ambiente de encontro e mobilização social.

Parcerias: Secretaria Municipal de Cultura e de Saúde, Programa Saúde na Escola (PSE) e o cinema ou teatro do município, seja municipal ou privado.

Materiais: Telão, projetor, caixas de som, assentos, filmes/curtas/documentários selecionados, ficha de avaliação e pelo menos 1 microfone para debate.

Responsáveis: Equipe pedagógica, coordenação escolar, profissionais de saúde convidados.

Desenvolvimento: Passo 1 – Preparação (antes da atividade)

- Reunir a equipe pedagógica e profissionais de saúde para definir o tema (ex.: alimentação saudável, saúde mental, prevenção do uso de drogas).
- Selecionar filme, curta ou episódio que dialogue com a realidade da comunidade.
- Organizar a exibição: verifique possibilidade de usar o espaço escolar com telão/projetor ou algum espaço cultural do município (teatro, por exemplo) ou firmar parceria com algum cinema do município.
- Elaborar convite e plano de divulgação em redes sociais, cartazes, rádios comunitárias e grupos de WhatsApp.
- Preparar ficha simples para registro de presença e avaliação.

Passo 2 – Realização (durante a atividade)

- Receber os participantes e apresente os objetivos do Cine Comunidade.
- Realizar a exibição do filme/curta/episódio escolhido.
- Conduzir roda de conversa após a sessão, utilizando perguntas disparadoras: “O que mais chamou sua atenção no filme?”, “Esse tema tem relação com nossa comunidade?” e entre outras.
- Registrar as contribuições em cartaz ou mural coletivo que pode ser exibido no ambiente escolar após o evento.
- Estimular que participantes compartilhem experiências pessoais relacionadas ao tema.
- Aplicar ou envie uma ficha de satisfação simples, incluindo escala de avaliação (escala Likert) e espaço para comentários.

Passo 3 – Pós-evento (após a atividade)

- Reunir as fichas de avaliação e sistematize os principais pontos.
- Compartilhar a síntese da atividade em mural da escola ou redes sociais da comunidade.
- Reunir a equipe para avaliar engajamento, participação e relevância do tema escolhido.
- Avaliar a possibilidade de manter o Cine Comunidade como atividade periódica (trimestral ou semestral).

Comentário: A exibição de filmes, curtas ou episódios contextualizados ao território promove momentos de lazer educativo, amplia a consciência crítica e fortalece os vínculos entre escola e comunidade. A atividade potencializa espaços de diálogo, favorece a troca de experiências e pode se tornar um canal permanente de reflexão e engajamento comunitário.

Fonte: Projeto Festival Cuidar – Núcleo de Educação em Câncer do Instituto de Ensino e Pesquisa do Hospital de Amor (2025).

Ficha Técnica 3 – Comunidade

Técnica: Mutirão da Saúde e Ambiente

Público-alvo: Comunidade.

Objetivos:

- Desenvolver a consciência crítica sobre a relação entre saúde, ambiente e qualidade de vida.
- Estimular a participação ativa da comunidade escolar em práticas de cuidado coletivo e preservação ambiental.
- Promover atitudes sustentáveis no território escolar e comunitário, fortalecendo vínculos entre educação, saúde e cidadania.

Parcerias: ONGs ambientais do município, Polícia Ambiental, Secretaria Municipal de Meio Ambiente e de Saúde, equipe de limpeza urbana municipal, floriculturas e lojas de jardinagem locais.

Materiais: Luvas, sacos de lixo, ferramentas de jardinagem, mudas de árvores e plantas ornamentais, tintas para revitalização de espaços e cartazes educativos.

Responsáveis: Equipe escolar, ONGs ambientais, profissionais de saúde e meio ambiente, lideranças comunitárias.

Desenvolvimento: Passo 1 – Preparação (antes do mutirão)

- Reunir a equipe escolar e parceiros para definir um local prioritário (jardim, parquinho e/ou entorno da escola, praças, áreas públicas degradadas).
- Planejar as atividades: coleta de lixo, separação de recicláveis, plantio de mudas, pintura de espaços comunitários.
- Elaborar convites e plano de divulgação.
- Solicitar apoio da Prefeitura para logística de coleta e transporte de resíduos.
- Estabelecer parcerias com floriculturas e lojas de jardinagem para doação de mudas e insumos.
- Além dos estudantes, pais e educadores, organizar grupos de voluntários e distribuir tarefas (limpeza, jardinagem, pintura, orientação educativa).

Passo 2 – Realização (durante o mutirão)

- Reunir os participantes no ponto de encontro e explicar a proposta.
- Distribuir equipamentos de proteção (luvas, sacos de lixo, ferramentas) e iniciar as ações de limpeza, coleta seletiva e plantio de mudas.
- Promover rodas de conversa rápidas sobre a importância de manter o ambiente limpo, organizado e preservado para a saúde coletiva.
- Incentivar o registro em fotos e vídeos para posterior socialização.
- Finalizar com momento simbólico, como o plantio coletivo de uma árvore.

Passo 3 – Pós-evento (após o mutirão)

- Recolher dados de participação (número de voluntários, volume de lixo coletado, mudas plantadas), sintetizar os resultados e compartilhar em murais escolares, redes sociais e meios comunitários. Publicar nas redes sociais da escola e parceiros fotos e depoimentos para dar visibilidade ao impacto da ação.
- Enviar mensagem de agradecimento aos participantes e parceiros.
- Analisar os dados coletados (quantidade de resíduos retirados, áreas revitalizadas, mudas plantadas), elabore relatório simples e registre como boa prática comunitária.
- Reunir a equipe escolar e parceiros para avaliar o engajamento da comunidade.

Comentário: A ação reforça a consciência de que o cuidado com o ambiente impacta diretamente na prevenção de doenças, no bem-estar e na qualidade de vida da população. Além de transformar espaços públicos, fortalece vínculos comunitários, desperta o senso de pertencimento e estimula a continuidade de práticas sustentáveis no cotidiano.

Fonte: Projeto HAB na Escola - CEPEN II Valentina Montagner – Ipuã/SP (2017).

Ficha Técnica 4 – Comunidade

Técnica: Varal da Saúde

Público-alvo: Comunidade.

Objetivos:

- Ampliar o acesso da comunidade a informações de saúde em linguagem simples e visual.
- Valorizar produções escolares como instrumento de educação em saúde.
- Estimular a troca de saberes e reflexões coletivas em ambiente escolar e comunitário.

Parcerias: Secretaria de Saúde, ONGs culturais e artistas da comunidade.

Materiais: Cordas ou barbantes, pregadores, cartazes, desenhos, contos curtos, poesias, fotografias, desenhos, charges educativas e fichas de avaliação.

Responsáveis: Equipe pedagógica, professores de Artes, Língua Portuguesa e Ciências e estudantes.

Desenvolvimento: Passo 1 – Preparação (antes da exposição)

- Reunir a equipe escolar para definir tema central (ex.: prevenção de cânceres, alimentação saudável, saúde bucal, meio ambiente).
- Promover atividades em sala de aula para o estudo e produção de materiais (cartazes, desenhos, contos curtos, poesias, fotografias, desenhos, charges educativas e entre outros).
- Convidar famílias e comunidade para também colaborar com produções e/ou organização do evento.
- Providenciar materiais de montagem: cordas, barbantes, pregadores, espaço arejado para exposição.
- Divulgar a atividade na secretaria escolar, redes sociais e grupos comunitários.

Passo 2 – Realização (durante a exposição)

- Montar o varal em espaço de grande circulação (pátio da escola, praça ou quadra comunitária) e expor os trabalhos produzidos pelos estudantes e comunidade, organizando-os de forma atrativa.
- Receber os visitantes, explicando a proposta da feira expositiva.
- Estimular a interação: peça que visitantes deixem bilhetes, comentários ou perguntas em cartões fixados ao varal.
- Promover rodas de conversa curtas ou falas rápidas dos alunos sobre os trabalhos expostos e, se possível, incluir atividades culturais paralelas (música, teatro, declamação de poesias).

Passo 3 – Pós-evento (após a exposição)

- Recolher as produções expostas e archive-as em portfólio da escola.
- Sintetizar em mural ou boletim comunitário os principais aprendizados e reflexões trazidas.
- Enviar mensagem de agradecimento a estudantes, famílias e parceiros que contribuíram e socializar os registros em mídias digitais e na comunidade.
- Analisar os bilhetes, comentários e perguntas deixados no varal como indicadores de impacto e registrar o número de visitantes e diversidade de público.
- Reunir a equipe escolar para avaliar a participação dos estudantes e visitantes.
- Identificar possibilidades de novos temas e melhorias para futuras edições.

Comentário: Ao transformar o espaço escolar em uma feira expositiva, valoriza o protagonismo dos estudantes e torna a informação acessível a toda a comunidade. A atividade desperta interesse pela linguagem visual, promove reflexão coletiva e reforça o vínculo entre saúde, cultura e educação. Além de informar, cria um ambiente de diálogo e troca, consolidando a escola como espaço vivo de aprendizagem e participação social.

Fonte: Projeto “Talento Rosa” - CEPEM II Valentina Montagner – Ipuã/SP (2017).

7. APÊNDICES E MATERIAIS DE APOIO

Parceiros que embasam o manual

Escola Estadual Alexandre de Ávila Borges – Jaborandi/SP

EMEF Professor Antônio Zuquim – Guaraci/SP

Escola Estadual Dr. Elói Lopes Ferraz – Olímpia/SP

Escola Estadual Comendador Francisco Bernardes Ferreira – Olímpia/SP

Escola Municipal Leodete Silvério Jói – Barretos/SP

CEMEI Professor Luiz Paro Neto – Barretos/SP

EMEB Manoel Rodrigues Villarinho Filho – Monte Azul Paulista/SP

EMEB Professora Mércia Júlia Barbosa Velho – Guaraci/SP

Escola Estadual Capitão Narciso Bertolino – Olímpia/SP

EMEI Professora Nayde Tojeira Romero – Guaraci/SP

Escola Estadual Ovídio de Souza Dias – Altair/SP

CEMEI Paulo Belmiro Ferreira – Barretos/SP

Escola Estadual Professora Paulina Nunes De Moraes – Barretos/SP

CEPEM II Valentina Montagner – Ipuã/SP

Escola Estadual Valois Scortecci – Barretos/SP

Secretaria Municipal de Educação de Altair

Secretaria Municipal de Educação da Estância Turística de Barretos

Diretoria Municipal de Educação e Cultura de Guaraci

Secretaria Municipal de Educação de Ipuã

Secretaria Municipal de Educação de Jaborandi

Secretaria Municipal de Educação de Monte Azul Paulista

Secretaria Municipal de Educação da Estância Turística de Olímpia

Unidade Regional de Ensino de Barretos

Cronograma – Atividade/Projeto de Educação em Saúde

Modelo no estilo Gantt para planejamento e acompanhamento de atividades de Educação em Saúde. Os períodos podem ser ajustados em semanas ou meses, conforme a duração do projeto.

Fase / Atividade	Descrição	Responsáveis	Sem. 1	Sem. 2	Sem. 3	Sem. 4	Sem. 5	Sem. 6
Planejamento	Definir tema, objetivos, recursos e técnicas.	Coordenação / Professores	✓					
Parcerias	Contatar profissionais de saúde, secretarias etc.	Gestão escolar	✓	✓				
Preparação de Materiais	Produzir/separar textos, cartilhas, vídeos ou kits de apoio.	Professores / Alunos		✓	✓			
Mobilização da Escola	Divulgar o projeto para alunos e equipe.	Coordenação / Professores		✓				
Execução em Sala	Aplicar as atividades (seminários, teatro etc.).	Professores / Alunos			✓	✓	✓	
Apresentações / Exposição	Compartilhar os resultados com a escola.	Professores / Alunos				✓	✓	
Avaliação	Aplicar fichas de avaliação e coletar feedback.	Professores / Coordenação					✓	✓
Registro e Relatório	Produzir relatório final, fotos e evidências.	Equipe gestora						✓

Modelo de Projeto

1. Título do Projeto

(Deve atrair a atenção do leitor, ser resumido, conciso, claro e objetivo).

2. Autor(es)

(Nome e filiação institucional do(s) autor(e)s).

3. Introdução

(Qual o contexto do problema; porque é interessante trabalha-lo e qual será a contribuição do seu projeto).

4. Justificativa

(Este item deverá responder por que existe a necessidade do projeto).

5. Objetivos

(Descrever o **que** esse projeto almeja atingir, por meio de verbos no infinitivo. Exemplo: reconhecer, identificar, relacionar, comparar, etc.).

- Geral: é mais abrangente e apresenta o resultado máximo que se pretende alcançar.
- Específicos: são um conjunto de metas que auxiliam a alcançar o objetivo geral. Deve-se sempre responder o **quê** irei fazer e não ao **como** farei.

6. Público-alvo

(Docentes, pais, alunos...).

7. Desenvolvimento/Metodologia

(Descrever com clareza as etapas necessárias, **quais e como** serão desenvolvidas as atividades para atingir o(s) objetivo(s) proposto(s). Aqui cada objetivo específico elencado deverá ser respondido).

8. Cronograma

(Descrever **quando** será realizada cada ação descrita na metodologia).

9. Avaliação

(Prever a metodologia de acompanhamento e avaliação do alcance dos objetivos e dos resultados/impacto esperado).

10. Resultados esperados

(Descrever os resultados que se espera do desenvolvimento do projeto, impacto, números das atividades executadas, pessoas participantes, etc...).

11. Responsável (is)

(Quem serão os envolvidos e o que cada um irá fazer).

12. Anexos

(Colocar fotos, modelos de atividades, etc.).

13. Referências

(Descrever os materiais consultados que serviram como referência para a elaboração do projeto, citando nome do autor, obra e ano de publicação em ordem alfabética).

Relatório de Registro de Ações Educativas

Descreva abaixo as Ações Educativas realizadas no âmbito escolar.

I. Data

II. Horário

III. Local

IV. Atividade

V. Público-alvo

VI. Número de participantes

VII. De acordo com o projeto proposto, como você avalia os resultados desta ação?

VIII. Cole abaixo fotos (em formato JPG) com as atividades desenvolvidas. Crie uma legenda para cada foto inserida.

Ficha de Avaliação do Professor

Atividade de Educação em Saúde

Escola: _____

Professor: _____

Turma: _____

Data: _____

Atividade realizada: _____

Instruções:

Marque a opção que melhor corresponde à avaliação da atividade, sendo:

1. Discordo totalmente | 2. Discordo | 3. Parcialmente | 4. Concordo | 5. Concordo totalmente

1. Planejamento

Critério	1	2	3	4	5
A atividade foi planejada com objetivos claros e bem definidos					
A técnica escolhida mostrou-se adequada à faixa etária e ao contexto da turma					
Os recursos e materiais disponibilizados foram suficientes para a execução					

2. Condução da Atividade

Critério	1	2	3	4	5
As orientações foram apresentadas de forma clara e compreensível					
Houve incentivo para a participação de todos os estudantes					
A mediação favoreceu o diálogo e a reflexão sobre o tema					
O tempo destinado a cada etapa foi adequado e bem gerenciado					

3. Resultados de Aprendizagem

Critério	1	2	3	4	5
A atividade despertou interesse e engajamento nos alunos					
Foi possível identificar ampliação dos conhecimentos sobre o tema de saúde					
A proposta contribuiu para mudanças de percepção ou atitudes em relação ao tema					

4. Possibilidades Futuras

Critério	1	2	3	4	5
A técnica utilizada apresenta potencial para ser reaplicada em outras turmas ou contextos					
Há oportunidades claras de aprimoramento para futuras aplicações					

5. Observações Gerais (Espaço para comentários, sugestões ou pontos de destaque)

Educação em Saúde e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

A **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)** é o documento que define as aprendizagens essenciais da Educação Básica, garantindo os direitos de aprendizagem e desenvolvimento e orientando uma formação **integral**, que abrange dimensões físicas, emocionais, sociais e cognitivas.

Dentro desse contexto, a **Educação em Saúde** é considerada fundamental. A saúde é entendida em um **conceito ampliado**, que vai além da ausência de doenças e inclui bem-estar físico, mental, emocional e social. A escola é chamada a atuar como espaço de promoção de hábitos saudáveis, prevenção de doenças, desenvolvimento de competências socioemocionais e formação para a cidadania.

Entre as dez competências gerais da BNCC, destaca-se a **Competência Geral nº 8**, que orienta o estudante a conhecer-se, valorizar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, reconhecendo e lidando com suas próprias emoções e as dos outros. Essa competência sustenta a Educação em Saúde como um **eixo transversal**, presente em todas as etapas e componentes curriculares.

A BNCC propõe dois caminhos de trabalho:

- **Abordagem Transversal:** trata a saúde como **Tema Contemporâneo Transversal (TCT)**, conectando diferentes componentes curriculares e experiências do cotidiano dos estudantes, favorecendo práticas integradas e contextualizadas.
- **Abordagem Curricular:** insere conteúdos e habilidades relacionadas à saúde em áreas específicas, como Ciências e Educação Física, de forma direta e progressiva ao longo da Educação Básica.

A seguir, destacamos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento e habilidades relacionadas à saúde, que são mencionadas na BNCC em cada etapa da Educação Básica.

Educação Infantil

Na Educação Infantil, a BNCC propõe o desenvolvimento integral da criança, articulando **corpo, emoções, relações e bem-estar**. O cuidado de si, do outro e do ambiente é trabalhado em situações do cotidiano, envolvendo alimentação, higiene, movimento, descanso e expressão de sentimentos.

Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento (Campos de Experiência)

Os objetivos a seguir são especialmente relevantes para a Educação em Saúde:

Campo de experiência	Faixa etária	Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento
O eu, o outro e nós	para bebês (zero a 1 ano e seis meses)	Reconhecer seu corpo e expressar suas sensações em momentos de alimentação, higiene , brincadeira e descanso (Brasil, 2018, p.45).
	para crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Demonstrar atitudes de cuidado e solidariedade na interação com crianças e adultos (Brasil, 2018, p.45).

	para crianças bem pequenas	Perceber que as pessoas têm características físicas diferentes, respeitando essas diferenças (Brasil, 2018, p.45).
	para crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)	Demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive (Brasil, 2018, p.45).
	para crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)	Usar estratégias pautadas no respeito mútuo para lidar com conflitos nas interações com crianças e adultos (Brasil, 2018, p.46).
C o r p o , gestos e movimentos	Bebês (zero a 1 ano e seis meses)	Participar do cuidado do seu corpo e da promoção do seu bem-estar (Brasil, 2018, p.47).
	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Demonstrar progressiva independência no cuidado do seu corpo (Brasil, 2018, p.47).
	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)	Adotar hábitos de autocuidado relacionados à higiene, alimentação, conforto e aparência (Brasil, 2018, p.47).

Ensino Fundamental – Anos Iniciais

Nos Anos Iniciais, a Educação em Saúde aparece principalmente em Ciências, mas também se articula a outros componentes (Educação Física, Geografia, História), abordando corpo humano, prevenção de doenças, alimentação saudável, higiene, movimento e convivência social. A seguir, estão as habilidades específicas associadas à Educação em Saúde:

Componente curricular	Código da Habilidade	Habilidade (BNCC, 2018)
Ciências		Discutir as razões pelas quais os hábitos de higiene do corpo (lavar as mãos antes de comer, escovar os dentes, limpar os olhos, o nariz e as orelhas etc.) são necessários para a manutenção da saúde . (p. 333)
		Discutir os cuidados necessários à prevenção de acidentes domésticos (objetos cortantes e inflamáveis, eletricidade, produtos de limpeza, medicamentos etc.). (p. 335)
		Discutir hábitos necessários para a manutenção da saúde auditiva e visual considerando as condições do ambiente em termos de som e luz. (p. 337)
		Verificar a participação de microrganismos na produção de alimentos, combustíveis, medicamentos , entre outros. (p. 339)
		Propor, a partir do conhecimento das formas de transmissão de alguns microrganismos (vírus, bactérias e protozoários), atitudes e medidas adequadas para prevenção de doenças a eles associadas . (p. 339)
		Organizar um cardápio equilibrado com base nas características dos grupos alimentares (nutrientes e calorias) e nas necessidades individuais (atividades realizadas, idade, sexo etc.) para a manutenção da saúde do organismo. (p. 341)
		Discutir a ocorrência de distúrbios nutricionais (como obesidade, subnutrição etc.) entre crianças e jovens a partir da análise de seus hábitos (tipos e quantidade de alimento ingerido, prática de atividade física etc.). (p. 341)

		Relacionar a produção de lixo doméstico ou da escola aos problemas causados pelo consumo excessivo e construir propostas para o consumo consciente, considerando a ampliação de hábitos de redução, reúso e reciclagem/descarte de materiais consumidos em casa, na escola e/ou no entorno (Brasil, 2018, p.375).
Geografia		Investigar os usos dos recursos naturais, com destaque para os usos da água em atividades cotidianas (alimentação, higiene, cultivo de plantas etc.), e discutir os problemas ambientais provocados por esses usos (Brasil, 2018, p.375).
		Identificar e descrever problemas ambientais que ocorrem no entorno da escola e da residência (lixões, indústrias poluentes, destruição do patrimônio histórico etc.), propondo soluções (inclusive tecnológicas) para esses problemas (Brasil, 2018, p.379).
		Identificar órgãos do poder público e canais de participação social responsáveis por buscar soluções para a melhoria da qualidade de vida (em áreas como meio ambiente, mobilidade, moradia e direito à cidade) e discutir as propostas implementadas por esses órgãos que afetam a comunidade em que vive (Brasil, 2018, p.379).
História		Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos (Brasil, 2018, p. 415).

Ensino Fundamental – Anos Finais

Nos Anos Finais, a abordagem da saúde se amplia e integra diversas áreas, estimulando pensamento crítico, prevenção e cidadania. A seguir, estão as habilidades relacionadas à Saúde nos componentes curriculares de Educação Física, Ciências, História e Ensino Religioso.

Componente curricular Educação Física	
Código da habilidade	Habilidades
	Construir, coletivamente, procedimentos e normas de convívio que viabilizem a participação de todos na prática de exercícios físicos, com o objetivo de promover a saúde (Brasil, 2018, p. 233).
	Discutir as transformações históricas dos padrões de desempenho, saúde e beleza, considerando a forma como são apresentados nos diferentes meios (científico, midiático etc.) (Brasil, 2018, p. 237).
	Problematizar a prática excessiva de exercícios físicos e o uso de medicamentos para a ampliação do rendimento ou potencialização das transformações corporais (Brasil, 2018, p. 237).
	Identificar as diferenças e semelhanças entre a ginástica de conscientização corporal e as de condicionamento físico e discutir como a prática de cada uma dessas manifestações pode contribuir para a melhoria das condições de vida, saúde, bem-estar e cuidado consigo mesmo (Brasil, 2018, p. 237).

Componente curricular Ciências	
Código da habilidade	Habilidade (BNCC, 2018)
	Explicar a importância da visão (captação e interpretação das imagens) na interação do organismo com o meio e, com base no funcionamento do olho humano, selecionar lentes adequadas para a correção de diferentes defeitos da visão. (p. 345)

	Explicar como o funcionamento do sistema nervoso pode ser afetado por substâncias psicoativas . (p. 345)
	Interpretar as condições de saúde da comunidade, cidade ou estado , com base na análise e comparação de indicadores de saúde (como taxa de mortalidade infantil, cobertura de saneamento básico e incidência de doenças de veiculação hídrica, atmosférica entre outras) e dos resultados de políticas públicas destinadas à saúde. (p. 347)
	Argumentar sobre a importância da vacinação para a saúde pública , com base em informações sobre a maneira como a vacina atua no organismo e o papel histórico da vacinação para a manutenção da saúde individual e coletiva e para a erradicação de doenças. (p. 347)
	Analisar historicamente o uso da tecnologia , incluindo a digital, nas diferentes dimensões da vida humana, considerando indicadores ambientais e de qualidade de vida . (p. 347)
	Analisar e explicar as transformações que ocorrem na puberdade considerando a atuação dos hormônios sexuais e do sistema nervoso. (p. 349)
	Comparar o modo de ação e a eficácia dos diversos métodos contraceptivos e justificar a necessidade de compartilhar a responsabilidade na escolha e na utilização do método mais adequado à prevenção da gravidez precoce e indesejada e de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) . (p. 349)
	Identificar os principais sintomas, modos de transmissão e tratamento de algumas DST (com ênfase na AIDS), e discutir estratégias e métodos de prevenção . (p. 349)
	Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética). (p. 349)
	Discutir o papel do avanço tecnológico na aplicação das radiações na medicina diagnóstica (raio X, ultrassom, ressonância nuclear magnética) e no tratamento de doenças (radioterapia, cirurgia ótica a laser, infravermelho, ultravioleta etc.). (p. 351)
	Propor iniciativas individuais e coletivas para a solução de problemas ambientais da cidade ou da comunidade , com base na análise de ações de consumo consciente e de sustentabilidade bem-sucedidas. (p. 351)

Componente curricular História	
Código da habilidade	Habilidade (BNCC, 2018)
9º ano	Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas (Brasil, 2018, p. 431).

Componente curricular Ensino Religioso	
Código da habilidade	Habilidade (BNCC, 2018)
	Identificar práticas de espiritualidade utilizadas pelas pessoas em determinadas situações (acidentes, doenças , fenômenos climáticos) (Brasil, 2018, p. 455).
	Analisar princípios e orientações para o cuidado da vida e nas diversas tradições religiosas e filosofias de vida (Brasil, 2018, p. 459)

Ensino Médio

No Ensino Médio, a saúde é trabalhada em todas as áreas, estimulando: **Consciência crítica** sobre direitos, cidadania, diversidade e justiça social; e **Protagonismo juvenil** na prevenção, mo-

bilização comunitária e construção de soluções para desafios de saúde pública, como saúde mental, meio ambiente e consumo. Abaixo, estão as habilidades associadas à saúde nas áreas de conhecimento de Linguagens e suas tecnologias, Ciências e suas Tecnologias e Ciências Humanas aplicadas.

Linguagens e suas tecnologias	
Código da habilidade	Habilidade (BNCC, 2018)
	Formular propostas, intervir e tomar decisões que levem em conta o bem comum e os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global (Brasil, 2018, p. 493).
	Analisar criticamente preconceitos, estereótipos e relações de poder presentes nas práticas corporais, adotando posicionamento contrário a qualquer manifestação de injustiça e desrespeito a direitos humanos e valores democráticos (Brasil, 2018, p.495).
	Vivenciar práticas corporais e significá-las em seu projeto de vida, como forma de autoconhecimento, autocuidado com o corpo e com a saúde, socialização e entretenimento (Brasil, 2018, p. 495).

Ciências e suas tecnologias	
Código da habilidade	Habilidade (BNCC, 2018)
	Utilizar o conhecimento sobre as radiações e suas origens para avaliar potencialidades e os riscos de sua aplicação em equipamentos de uso cotidiano na saúde , no ambiente, na indústria, na agricultura e na geração de energia elétrica (Brasil, 2018, p. 555).
	Avaliar os benefícios e os riscos à saúde e ao ambiente , considerando composição, a toxicidade e a reatividade de diferentes materiais e produtos como também o nível de exposição a eles, posicionando-se criticamente propondo soluções individuais e/ou coletivas para seus usos e descarte responsáveis (Brasil, 2018, p. 555).
	Avaliar e prever efeitos de intervenções nos ecossistemas , e seus impactos nos seres vivos e no corpo humano , com base nos mecanismos de manutenção da vida, nos ciclos da matéria e nas transformações e transferências de energia utilizando representações e simulações sobre tais fatores, com ou sem o uso de dispositivos e aplicativos digitais (como softwares de simulação e de realidade virtual, entre outros) (Brasil, 2018, p. 557).
	Identificar, analisar e discutir vulnerabilidades vinculadas às vivências e aos desafios contemporâneos aos quais as juventudes estão expostas , considerando aspectos físico, psicoemocional e social , a fim de desenvolver e divulgar ações de prevenção e de promoção da saúde e do bem-estar (Brasil, 2018, p.557)
	Avaliar os riscos envolvidos em atividades cotidianas , aplicando conhecimentos das Ciências da Natureza, para justificar o uso de equipamentos e recursos, bem como comportamentos de segurança, visando à integridade física, individual e coletiva, e socioambiental , podendo fazer uso de dispositivos e aplicativos digitais que viabilizem a estruturação de simulações de tais riscos (Brasil, 2018, p. 559).
	Investigar e analisar os efeitos de programas de infraestrutura e demais serviços básicos (saneamento, energia elétrica, transporte, telecomunicações, cobertura vacinal, atendimento primário à saúde e produção de alimentos, entre outros) e identificar necessidades locais e/ou regionais em relação a esses serviços, a fim de avaliar e/ou promover ações que contribuam para a melhoria na qualidade de vida e nas condições de saúde da população (Brasil, 2018, p. 560).

Ciências humanas e sociais aplicadas	
Código da habilidade	Habilidade (BNCC, 2018)
	Analisar situações da vida cotidiana , estilos de vida, valores, condutas etc, desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação , e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais. (Brasil, 2018, p.577).
	Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las , com base em argumentos éticos (Brasil, 2018, p.577).
	Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com baseada na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva , que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e empatia (Brasil, 2018, p.577).

8. MATERIAIS DIDÁTICOS

Acesse a página do NEC e encontre materiais didáticos de apoio para os projetos de educação em saúde: www.ha.com.vc/nec.



9. REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília, DF: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde na Escola**: guia para o fortalecimento do programa. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2018.

CANDEIAS, N.M.F. **Conceitos de educação e de promoção em saúde**:

mudanças individuais e mudanças organizacionais. Revista de Saúde Pública, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. **A organização do currículo por projetos de trabalho**: o conhecimento é um caleidoscópio. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HOSPITAL DE AMOR. Núcleo de Educação em Câncer. **Guia de educação em saúde e câncer**. Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA (INCA). **Prevenção do câncer**: orientações para profissionais de saúde. Rio de Janeiro: INCA, 2011.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Currículo Paulista**: etapa do ensino fundamental. São Paulo: SEE, 2019.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.



Núcleo de Educação em Câncer
Hospital de Amor

